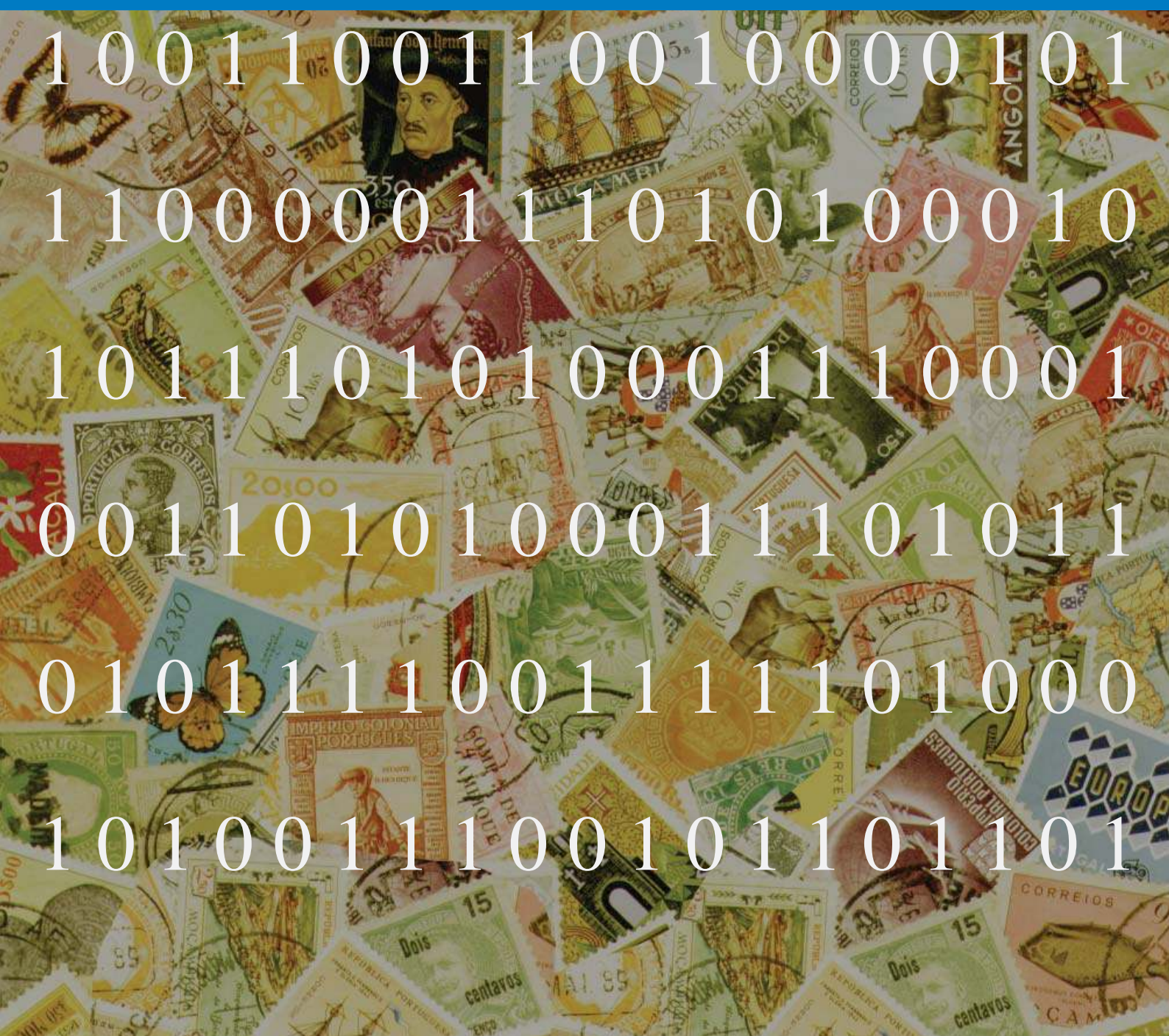


Selos de Portugal

Álbum II

(1910/1953)

Carlos Kullberg



Autor: Carlos Kullberg

Título: Selos de Portugal - Álbum II (1910 / 1953)

Editor: Edições Húmus Lda

Colecção: Biblioteca Electrónica de Filatelia (e-B)

Director de Colecção: Carlos Pimenta (pimenta@fep.up.pt)

Edição: 2ª (Jan. 2006) [1ª edição foi realizada pelo Clube Nacional de Filatelia]

Composição: Papelmunde Lda.; Vila Nova de Famalicão (colaboração de Adélia Magalhães)

ISBN: 972-99163-5-7

Localização: <http://www.filatelicamente.online.pt>

<http://www.caleida.pt/filatelia>

Preço: gratuito na edição electrónica, acesso por *download*

Solicitação ao leitor: Transmita-nos (pimenta@fep.up.pt) a sua opinião sobre este livro electrónico e sobre a Biblioteca Electrónica de Filatelia.

© **Edições Húmus Lda**

É permitida a cópia deste e-livro, sem qualquer modificação, para utilização individual. Não é permitida qualquer utilização comercial. Não é permitida a sua disponibilização através de rede electrónica ou qualquer forma de partilha electrónica.

A reprodução de partes do seu conteúdo é permitida exclusivamente em documentos científicos e filatélicos, com indicação expressa da fonte.

Em caso de dúvida ou pedido de autorização contactar directamente o director de colecção.

Índice

1910	D. Manuel II com sobrecarga “REPUBLICA”
1911/1912	Selos postais de 1898 (Vasco da Gama) com sobrecarga “REPUBLICA” e sobretaxa
1911/1912	Selos de porteado de 1898 (Vasco da Gama) com sobrecarga “REPUBLICA” e sobretaxa.
1911/1912	Selos postais de 1898 (Vasco da Gama) da Madeira, com sobrecarga “REPUBLICA” e sobretaxa
1912	Tipo “Ceres”
1917/20	Tipo “Ceres” – novos valores e cores substituídas
1921/22	Tipo “Ceres” – novos valores e novas cores
1923	Tipo “Ceres”
1923	Emissão comemorativa da Travessia Aérea do Atlântico Sul
1924	Emissão Comemorativa do 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões
1924/26	Tipo “Ceres”
1925	Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco
1926	Tipo “Ceres”
1926	1ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal
1926	Selos Comemorativos da independência do Portugal, com sobretaxa
1926	Tipo “Ceres” – Emissão de Londres
1927	2ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal
1928	3ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal
1928/1929	Selos tipo “Ceres” com sobretaxa
1929	Selos tipo “Ceres” com sobrecarga REVALIDADO
1929	Selo de Imposto Telegráfico com sobrecarga e sobretaxa
1930	Tipo “Ceres” gravura retocada
1931	Tipo “Lusíadas”
1931	Emissão Comemorativa do 7º Centenário da morte de Santo António de Lisboa
1931	Emissão Comemorativa do 5º Centenário da morte de D. Nuno Álvares Pereira
1933/38	Tipo “Lusíadas”
1933	Selos de 1931 (D. Nuno Alvares Pereira) com sobretaxa
1933	Selos de 1931 (Santo António) com sobretaxa
1934	Efígie de perfil do Presidente General Carmona
1934	Emissão Comemorativa da Iª Exposição Colonial Portuguesa
1935	Emissão Comemorativa da 1ª Exposição Filatélica Portuguesa
1935/1936	Ruínas do Templo de Diana
1935	Infante Dom Henrique
1935/41	Selos tipo “Estado Novo” com legenda “Tudo Pela Nação”
1935	Sé de Coimbra
1937	Emissão Comemorativa do 1º Centenário da Fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto
1937	Emissão Comemorativa do IV Centenário da Morte de Gil Vicente
1938	Emissão Comemorativa do Congresso Internacional do Vinho e da Uva
1940	Emissão “Legião Portuguesa”
1940	Emissão Comemorativa dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal
1940	Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Selo Postal
1941	Emissão “Costumes Portugueses”
1943	Tipo “Caravela”
1943	Emissão Comemorativa 1º Congresso de Ciências Agrárias
1944	Emissão Comemorativa da 3ª Exposição Filatélica Portuguesa
1944	Emissão Comemorativa do 2º Centenário do Nascimento de Avelar Brotero
1945	Emissão “Navegadores Portugueses”
1945	Efígie do Presidente General Carmona
1945	Emissão Comemorativa do 1º- Centenário da Escola Naval

Portugal

- 1946 Emissão "Castelos de Portugal"
- 1946 Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Banco de Portugal
- 1946 Emissão Comemorativa do 3º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal
- 1947 2ª Emissão "Costumes Portugueses"
- 1947 Emissão Comemorativa do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros
- 1948 Emissão Comemorativa do 3º Centenário do Nascimento de S. João de Brito
- 1948 Emissão Comemorativa da Exposição de Obras Públicas e dos Congressos Nacionais de Engenharia e Arquitectura
- 1948/1949 Tipo "Caravela"
- 1949 Emissão Comemorativa da Fundação da Dinastia de Aviz
- 1949 Emissão Comemorativa do 75º Aniversário da União Postal Universal
- 1949 Emissão Comemorativa do XVI Congresso Internacional de História da Arte
- 1950 Emissão Comemorativa do Ano Santo
- 1950 Emissão Comemorativa do IV Centenário da Morte de S. João de Deus
- 1951 Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Guerra Junqueiro
- 1951 Emissão Comemorativa do 3º Congresso Nacional de Pesca
- 1951 Emissão Comemorativa do Encerramento do Ano Santo
- 1951 Emissão Comemorativa do V Centenário do Povoamento da Ilha Terceira
- 1951 Emissão Comemorativa do XXV ano da Revolução Nacional
- 1952 Emissão "Museu Nacional dos Coches"
- 1952 Emissão Comemorativa do 3º aniversário da Organização do Tratado do Atlântico Norte
- 1952 Emissão Comemorativa do 8º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
- 1952 Emissão Comemorativa do Centenário do Nascimento do Prof. Gomes Teixeira
- 1952 Emissão Comemorativa do Centenário do Ministério das Obras Públicas
- 1952 Emissão Comemorativa do 4º - Centenário da morte de S. Francisco Xavier
- 1953/44 Tipo "Cavaleiro Medieval"
- 1953 Emissão Comemorativa do VI Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica
- 1953 Emissão Comemorativa do Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes
- 1953 Emissão Comemorativa do 50º Aniversário do Automóvel Clube de Portugal
- 1953 Emissão Comemorativa do V Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana
- 1953 Emissão Comemorativa do Centenário do Selo Postal Português
- 1953 Reimpressões dos selos de 1853 - D. Maria II

Portugal

1910 – D. Manuel II com sobrecarga “REPÚBLICA”

A ideia de sobrecarregar os selos em curso, com uma sobrecarga indicativa do novo regime foi quase simultânea à implantação da República, tendo em 7 de Outubro, o Director Geral dos Correios e Telégrafos oficiado nesse sentido à Casa de Moeda, salientando a urgência dum distintivo do actual regime e bem assim a necessidade de, por motivos de ordem económica, aproveitar os selos em circulação. Desta maneira, foi Portugal o primeiro país a indicar nos seus selos, uma mudança de regime, utilizando uma sobrecarga. Sobrecarga oblíqua impressa a verde sobre o selo de 20 reis e a vermelho nos restantes. Começaram a circular em 1 de Novembro de 1910, mantendo-se em circulação os selos sem sobrecarga, que deveriam no entanto ser devolvidos à Casa de Moeda para serem trocados pelos já sobrecarregados. Por não conseguir a Casa da Moeda satisfazer as novas requisições, foi por portaria datada de Março de 1911, autorizada a fornecer selos não sobrecarregados quando as circunstâncias o exigissem. Nestas condições, é impossível obter-se um número certo dos selos sobrecarregados que no entanto se estimam em 13.900.000 de 2,5 reis 12.400.000 de 5 reis, 11.000.000 de 10 reis, 1.300.000 de 15 reis, 4.200.000 de 20 reis, 23.420.000 de 25 reis 4.000.000 de 50 reis 600.000 de 75 reis, 336.700 de 80 reis, 860.000 de 100 reis, 580.000 de 200 reis, 169.000 de 300 reis, 55.000 de 500 reis, e 70.900 de 1000 reis. Para as taxas de 2,5 5 e 25 reis, empregaram mais tarde, papel dum tipo diferente do original. Assim, foram emitidos em papel couché amarelado no verso 1.800.000 de 2,5 reis, 1.050.000 de 5 reis, e 3.150.000 de 25 reis; em papel espesso porcelana branco, 750.000 de 2,5 reis, 2.700.000 de 5 reis, e 3.150.000 de 25 reis. Foram retirados de circulação em 31 de Março de 1913, mantendo-se a sua venda para os filatelistas. As sobras foram queimadas em Maio de 1929, juntamente com outros selos retirados de circulação.



Portugal

1910 – D. Manuel II com sobrecarga “REPUBLICA”



REPUBLICA. forma de governo, em que a supremo poder é exercido, durante tempo limitado, por um ou mais indivíduos eleitos pela nação. Na noite de 3 para 4 de Outubro de 1910, eclodiu em Lisboa, um movimento revolucionário promovido por elementos civis com o apoio da armada e dalgumas forças militares. Após dois dias de combate, o governo monárquico demitiu-se, a família real abandonou o País, e a República foi proclamada na manhã de 5 de Outubro, das janelas de Câmara Municipal de Lisboa. Foi imediatamente formado um governo provisório republicano sob a presidência do Dr. Teófilo Braga.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1911/1912 – Selos postais de 1898 (Vasco da Gama) com sobrecarga “REPÚBLICA” e sobretaxa

Com o fim de utilizar o saldo de 13.781.504 selos, existente na Casa da Moeda, foram sobrecarregados com “REPÚBLICA” a preto, ou ainda sobretaxados, 5.000.000 de selos de 2,5 reis, 200.000 selos de 15 reis s/ 5 reis, 6.340.100 selos de 25 reis, 460.000 selos de 50 reis, 20.100 selos de 75 reis, 60.100 selos de 80 reis s/ 150 reis, 240.100 selos de 100 reis, e 25.000 selos de 1000 reis s/ 10 reis. Postos a circular em 1 de Outubro de 1911, tendo em vista que na passagem do primeiro aniversário da República, não estivessem em circulação, selos recordando o regime anterior.



Portugal

1911/1912 – Selos de porteado de 1898 (Vasco da Gama) com sobrecarga “REPUBLICA” e sobretaxa.

Havendo um saldo de 276.200 selos das taxas de 5, 10, 20, 50, 100 e 200 reis, e sendo pequena a existência de selos de 5, 10, e 20 reis, foram reimpressos os selos do Centenário da Índia “MULTA” nas quantidades de 4.500.000 selos de 5 reis, 2.600.000 selos de 10 reis, e 700.000 selos de 20 reis, para serem sobrecarregados juntamente com os existentes em saldo. Foram assim sobrecarregados com “REPUBLICA” ou sobrecarregados e sobretaxados, 4.516.160 selos de 5 reis, 2.638.160 selos de 10 reis, 744.150 selos de 20 reis, 62.160 selos de 200 reis, 54.040 selos de 300 reis s/ 50 reis, e 61.040 selos de 500 reis s/ 100 reis.



Portugal

1911/1912 – Selos postais de 1898 (Vasco da Gama) da Madeira, com sobrecarga “REPUBLICA” e sobretaxa

Com o mesmo fim das sobrecargas e sobretaxas anteriores, foram aproveitados os selos da Madeira em saldo na Casa da Moeda, uma vez que já nessa altura não havia distinção entre os selos e moedas do Continente, e das Ilhas Adjacentes. Foram sobrecarregados e sobretaxados, 40.100 selos de 2,5 reis, 60.100 selos de 15 reis s/ 5 reis, 80.100 selos de 25 reis, 100.100 selos de 50 reis, 140.100 selos de 75 reis, 140.100 selos de 80 reis s/ 150 reis, 140.100 selos de 10 reis, e 20.000 selos de 1000 reis s/ 10 reis. Foram retirados de circulação em 30 de Março de 1913.



Portugal

1912 – Tipo “Ceres”

Foi aberto concurso público para o desenho do novo selo, em Fevereiro de 1911, tendo concorrido diversos artistas nacionais. O desenho classificado em primeiro lugar é de autoria de Constantino de Sobral Fernandes (divisa “Pátria” “Ceres”). Era realmente belo o desenho apresentado, mas não era fácil fazer a sua gravura, e assim, o gravador José Sérgio de Carvalho e Silva, não conseguiu, apesar de sua longa prática, uma gravura capaz de apresentar um dos mais belos selos portugueses. Ao contrário do que normalmente acontecera, a gravura era bastante inferior ao desenho. São estes os primeiros selos emitidos com a taxa representada na nova moeda, que havia sido determinada por decreto de 11 de Maio de 1911 “a unidade monetária passará a ser o escudo de ouro que conterà o mesmo peso de ouro fino que a actual moeda de mil reis em ouro”. Foram impressos tipograficamente em folhas de 100 selos com denteado 15x14, utilizando papel porcelana, papel esmalte papel pontinhado em losangos, papel liso, papel acetinado e papel cartolina, com espessuras várias. Foram emitidos com taxa em centavos, 115.280.000 selos de 1/4 sépia, 163.760.000 selos de 1/2 preto, 66.800.000 selos de 1 verde escuro, 2.400.000 selos de 1-1/2 castanho, 12.800.000 selos de 2 carmim, 212.200.000 selos de 2-1/2 violeta, 20.200.000 selos de 5 azul, 2.320.000 selos de 7-1/2 bistre 1.740.000 selos de 8 ardósia, 152.840.000 selos de 10 tijolo, 2.700.000 selos de 15 lilás vermelho, 2.200.000 selos de 20 castanho s/ verde, 200.000 selos de 30 castanho s/ rosa, 835.000 selos de 50 laranja s/ salmão, e 300.000 selos de 1 Escudo verde escuro s/ azul.



Portugal

1917/20 – Tipo “Ceres” – novos valores e cores substituídas

Tendo sido alterada a equivalência do escudo com o franco-ouro, por decreto de 31 de Agosto de 1917, e os portes em 1918 e 1919 com vista às dificuldades dos correios, motivadas pela Grande Guerra, foram estabelecidas novas taxas para os diversos portes. Para manter as cores referentes a cada porte, conforme o determinado pela UPU, sofreram estas, alteração em relação às taxas. Foram impressos tipograficamente na Casa da Moeda, em folhas de 100 e 180 selos com denteados 15x14 e 12x11,5 utilizando papel pontilhado em losangos, papel porcelana colorido, papel liso (fino médio espesso), papel acetinado (médio espesso), papel cartolina, papel azulado fino, e papel amarelado. Foram emitidos 133.570.000 selos de 1 centavo castanho, 5.800.000 selos de 1-1/2 centavos verde escuro, 88.029.820 selos de 2 centavos amarelo laranja, 9.200.000 selos de 3 centavos carmim, 41.200.000 selos de 3-1/2 centavos verde claro, 84.230.000 selos de 4 centavos verde claro, 10.600.000 selos de 5 centavos bistre, 900.000 selos de 6 centavos lilás rosa, 9.100.000 selos de 7-1/2 centavos azul escuro, 400.000 selos de 12 centavos cinzento violeta, 200.000 selos de 13-1/2 centavos azul cinzento, 141.760 selos de 14 centavos azul sobre amarelo, 2.000.000 selos de 20 centavos castanho sobre salmão, e 900.000 selos de 30 centavos castanho sobre amarelo.



Portugal

1921/22 – Tipo “Ceres” – novos valores e novas cores

Por decreto de 31 de Março de 1921, foi determinado que entrassem em vigor a partir de 1 de Abril, os novos portes internacionais estabelecidos pelo Acordo Postal de Madrid. Na mesma data, foram elevados os portes para o Ultramar, tendo o correios que alterar as cores dos selos correspondentes às taxas dos novos portes e bem assim criar novos valores. Impressos tipograficamente na Casa da Moeda que utilizou papel liso, papel acetinado, e papel cartolina, de procedências diversas e não tendo as mesmas dimensões, imprimindo-se assim, folhas de 100, de 180, e de 200 selos, sendo os denteados 12x11,5 e 15x14. Foram emitidos 42.620.000 selos de 3 c. azul, 15.840.000 selos de 6 c. rosa, 2.700.000 selos de 8 c. verde azul, 2.000.000 de selos de 12 c. verde azul, 630.000 selos de 14 c. violeta, 7.920.000 selos de 20 c. castanho, 10.080.000 selos de 24 c verde azul, 8.820.000 selos de 30 c. castanho, 10.080.000 selos de 36 c. vermelho, 9.200.000 selos de 50 c. laranja, 6.120.000 selos de 60 c. azul, 720.000 selos de 80 c. lilás rosa, 1.440.000 selos de 90 c. ultramar, 2.160.000 selos de 1\$00 violeta claro, 900.000 selos de 1\$10 bistre, 900.000 selos de 1\$20 verde amarelo e 900.000 selos de 2\$00 verde escuro.



Portugal

1923 – Tipo “Ceres”

Por decreto de 8 de Janeiro de 1923, foram novamente alterados todos os portes do serviço interno, colónias e estrangeiro, por nova desvalorização do escudo em relação ao franco-ouro, surgindo mais uma vez a necessidade de criar novos selos, retirando outros de circulação. Impressos tipograficamente na Casa da moeda utilizando papel fino ou médio, papel acetinado, e papel lustrado espesso, em folhas de 180 selos com denteado 12x11,5. Foram emitidos 27.720.000 selos de 5 c. sépia, 36.180.000 selos de 15 c. preto, 5.040.000 selos de 20 c. verde escuro, 44.300.000 selos de 25 c. rosa escuro, 1.080.000 selos de 40 c. azul escuro, 1.440.000 selos de 75 c. lilás rosa, 900.000 selos de 1\$00 azul escuro, e 900.000 selos de 1\$50 ardósia.



CERES. Deusa da Mitologia Romana, pertence ao antigo culto grego celebrado em Roma. Homero e Hesíodo consideram Ceres irmã de Júpiter, e filha de Saturno e Vesta. Um dos aspectos do carácter desta Deusa é o de “Terra Mãe” que concede aos homens os frutos do solo, e principalmente o trigo. Outro é o da “Terra”, que nas suas entranhas fecunda a vida dos vegetais, e por onde se estende o mundo da morte. Ceres é a divindade que preside aos trabalhos do campo, ou mais propriamente à Agricultura. O seu culto na Lusitânia é atestado por uma estátua de mármore encontrada em Mérida, e por um tronco feminino procedente de Arraiolos e que se encontra no Museu Machado de Castro em Coimbra.

Portugal

1923 – Emissão comemorativa da Travessia Aérea do Atlântico Sul

Para comemorar o grande feito, logo se organizou a “Grande Comissão da Cidade de Lisboa” que pensou numa emissão de selos comemorativos, cujo produto da venda se destinaria às despesas com os festejos. Esta ideia foi abandonada e outras propostas para a referida emissão tiveram o mesmo fim, até que em 23 de Outubro os senhores António Carneiro de Vasconcelos (banqueiro) e Leandro Menezes Camacho (médico), contrataram com o Governo em moldes mercantis, a emissão desta série destinada à especulação. Foram litografados em folhas de 100 selos com denteado 14, e utilizando papel pontilhado em losangos, pela firma Waterlow & Sons Ltd. de Londres. O desenho de que se desconhece o autor, tem de original a caravela e a cercadura, sendo o restante de origem fotográfica; representa as efígies do Presidente Pessoa do Brasil, do Dr. António José de Almeida, Presidente da República Portuguesa, de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral, vistas do “Pão de Açúcar” e de Torre de Belém, e ao centro uma caravela de 1500 (descoberta do Brasil) e o avião “Lusitânia” 1922 (primeira travessia aérea do Atlântico Sul). As cores foram baseadas nos selos “Ceres” das mesmas taxas em curso. Foram emitidas 125.000 séries que por contrato só poderiam ser levantadas da Casa da Moeda pelos dois senhores que haviam contratado com o Governo, além das quantidades entregues aos correios que foram as seguintes: 20.000 selos de 1 c. castanho claro, 48.070 selos de 2 c. amarelo, 165.000 selos de 3 c. ultramar, 20.070 selos de 4 c. verde amarelo, 15.700 selos de 5 c. bistré, 91.500 selos de 10 c. tijolo, 45.350 selos de 15 c. preto, 25.700 selos de 20 c. verde, 351.200 selos de 25 c. rosa, 3.700 selos de 30 c. castanho amarelo, 11.700 selos de 40 c. castanho escuro, 31.500 selos de 50 c. amarelo laranja, 5.500 selos de 75 c. lilás, 6.000 selos de 1\$00 azul, 3.700 selos de 1\$50 sépia, e 2.700 selos de 2\$00 verde. Circularam de 30 de Março a 1 de Abril de 1923, e de 6 a 8 de Setembro de 24.



Portugal

1923 – Emissão comemorativa da Travessia Aérea do Atlântico Sul



TRAVESSIA AEREA DO ATLÂNTICO SUL. No dia 30 de Março de 1922, partiu de Belém, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tripulando um pequeno hidroavião Farye baptizado com o nome de “Lusitânia”. No dia 31 aportavam às Canárias de onde saíram em 5 de Abril rumo a Cabo Verde, chegando a S. Vicente nesse mesmo dia. Em 17 fizeram o percurso até à Cidade da Praia, partindo no dia seguinte para o maior voo sem escala. Ao chegarem aos penedos de S. Pedro e S. Paulo onde se deveriam reabastecer de gasolina, o mar levou-lhes um dos flutuadores, pelo que tiveram de interromper a viagem, até que o paquete brasileiro “Bagé” lhes trouxe novo Farye 16 enviado de Lisboa. Pouco depois, quando tinham largado com destino a Fernando Noronha, o Farye 16 caiu no mar por avaria no motor, andando à deriva sem esperanças de salvamento, por estarem fora das linhas normais de navegação! Passados oito longos dias, foram recolhidos pelo vapor carvoeiro inglês “Paris City” que os desembarcou em Fernando Noronha, onde aguardaram a chegada de novo aparelho. O Farye 17 foi-lhes levado pelo cruzador Carvalho Araújo, e a viagem dos dois aviadores continuou, chegando ao Recife a 5 de Junho, e ao Rio de Janeiro a 17 do mesmo mês, terminando assim a histórica “Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul” que muito glorificou a aviação portuguesa.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1924 – Emissão Comemorativa do 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

Deve-se esta emissão ao Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, Afonso de Dornelas, que não tendo conseguido chamar à CVP a anterior emissão (Travessia Aérea do Atlântico Sul), estudou e propôs a comemorativa camoniana, que circulou nos dias 11 a 13 de Novembro, continuando a ser vendida aos filatelistas, pelo seu valor facial até 14 de Julho de 1926 (sendo a receita repartida pelas CTT e CVP) data em que por despacho ministerial foram entregues à CVP, todos os selos ainda em stock (cerca de 5 milhões), passando esta entidade a negocia-los por preços até inferiores ao facial e tendo-se também aproveitado deles como selos privati-vos, sobrecarregando 1,5 milhões. Foram impressos por Waterlow & Sons, Ltd. de Londres, em folhas de 100 selos com denteado 14 e utilizando papel pontilhado em losangos. Tomaram por base as taxas dos selos “Ceres” em circulação, postas em segunda impressão a preta e distribuídas por 7 desenhos diferentes:

CAMÕES EM CEUTA. Desenho de imaginação do artista Alberto de Sousa, e gravura a talhe doce de John Harrison. Foram emitidas 205.000 selos de \$02 azul claro, 205.000 selos de \$03 amarelo laranja, 210.000 selos de \$04 ardósia, 230.000 selos de \$05 verde amarelo, e 205.000 selos de \$06 carmim.



Portugal

1924 – 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

CAMÕES SALVANDO OS LUSÍADAS DO NAUFRÁGIO. Desenho de Alberto de Sousa que se inspirou no desenho do mesmo tema e que a Biblioteca Nacional usa para marcar os livros de sua edição, mormente no frontispício da reimpressão fac-símile dos Lusíadas, edição de 1921. A gravura a talhe doce é de John Harrison. Foram emitidos 201.000 selos de \$08 tijolo, 220.000 selos de \$10 azul violeta, 300.000 selos de \$15 verde azeitona, 210.000 selos de \$16 lilás vermelho, e 220.000 selos de \$20 laranja.



Portugal

1924 – 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

RETRATO DE LUIZ DE CAMÕES. Desenho de Alberto de Sousa que se inspirou na reprodução de um retrato gravado em 1622 por A. Paulo, por ordem de Gaspar de Faria Severim, secretário das mercês de D. João IV, conselheiro de estado de D. Afonso VI, e poeta, para o oferecer a seu tio Manuel Severim de Faria, Cónego da Sé de Évora, e impresso na obra deste, intitulada “Discursos Vários Políticos” Évora 1624. A gravura a talhe doce é de John Harrison. Foram emitidos 320.000 selos de \$25 violeta cinzento, 220.000 selos de \$30 castanho, 210.000 selos de \$32 verde escuro, 810.000 selos de \$40 ultramar, e 220.000 selos de \$48 castanho vermelho.



Portugal

1924 – 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

PORTADA DA 1ª EDIÇÃO DOS LUSÍADAS. Desenho de Alberto de Sousa, segundo a edição fac-símile de 1921 da Biblioteca Nacional, e gravura a talhe doce de George Fairweather. Foram emitidos 200.500 selos de \$50 laranja, 210.000 selos de \$64 verde, 210.000 selos de \$75 violeta, 220.000 selos de \$80 bistre, e 240.000 selos de \$96 carmim



Portugal

1924 – 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

ÚLTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES. Desenho de Alberto de Sousa, baseado num quadro de Domingos António de Sequeira, exposto no Museu Real das Artes de Paris em 25 de Agosto de 1824 e cujo paradeiro se desconhece. A gravura a talhe doce é de John Harrison. Foram emitidos 200.500 selos de 1\$00 azul esverdeado, 201.000 selos de 1\$20 castanho claro, 203.000 selos de 1\$50 vermelho, 370.000 selos de 1\$60 azul ardósia, e 205.000 selos de 2\$00 verde azul claro.



TÚMULO DE CAMÕES. Desenho de Alberto de Sousa, em fonte directa do túmulo para onde foram transportados os restos mortais do grande épico, em 8 de Junho de 1880 e que é obra do escultor Costa Mota. A gravura a talhe doce é de George Fairweather. Foram emitidos 200.500 selos de 2\$40 verde s/ verde, 200.500 selos de 3\$00 azul escuro s/ azul, 201.500 selos de 3\$20 preto s/ verde, 250.000 selos de 4\$50 preto s/ amarelo, e 201.000 selos de 10\$00 sépia s/ rosa.



Portugal

1924 – 4º Centenário do Nascimento de Luiz de Camões

MONUMENTO A LUIZ DE CAMÕES. Desenho de Alberto de Sousa em fonte directa do monumento inaugurado em Lisboa em 9 de Outubro de 1867, e que é obra de Victor Bastos. A gravura a talhe doce é de George Fairweather. Foram emitidos 200.500 selos de 20\$00 violeta s/ malva.



LUIZ VAZ DE CAMÕES. Nasceu em Lisboa em 1524 e era filho único de Simão Vaz de Camões e de sua mulher D. Ana de Sá e Macedo, aparentada com a casa de Vimioso. Com três anos de idade, ficou na companhia de sua mãe, ao cuidado de seu tio D. Bento de Camões, cónego de Santa Cruz em Coimbra, por seu pai ter partido para a Índia em busca de fortuna. Coursou teologia por vontade de seu tio, mas provada a sua pouca vocação, passou a cursar filosofia. Em 1544 nas festas da Semana Santa, encontrou pela primeira vez D. Catarina de Ataíde, da qual se enamorou com uma paixão que seria a causa das desgraças de toda a sua vida. Desde novo, demonstrou o seu valor poético que logo atraiu invejas. Os seus amores por D. Catarina foram aproveitados pelos seus inimigos, que não se pouparam a calúnias e intrigas, com a intenção de o afastar da côrte. Em 1547 partiu para Ceuta onde militou dois anos, sendo nessa altura atacado de surpresa por uma tribo de “cabilas”, perdendo a vista direita em combate. Foi em Ceuta que iniciou a sua grande obra “Os Lusíadas”. Regressando a Lisboa em 1549, entregou-se à obra que iniciara em Ceuta, mas continuando a ser vítima de pérfidas perseguições, acabou por ser preso durante um ano, tendo sido mandado para a Índia em 1553 quando em liberdade. Da Índia foi mandado para Macau em 1556 com um lugar público que ocupou durante dois anos (na célebre gruta continuou o seu poema), ao fim dos quais regressou sob prisão á Índia, novamente vítima dos seus inimigos. No regresso a Goa, naufragou na foz do rio Mecon, nas costas de Cambodje, tendo-se salvo a nado, e salvando também o manuscrito da sua obra. Ruído pelas saudades da sua Pátria, resolve voltar a Lisboa na companhia dum escravo chamado António, natural de Java, que muito se lhe afeiçoara e que o havia de acompanhar o resto da vida, tendo chegado a Cascais a 7 de Abril de 1570 na nau Santa Fé. Autorizado por alvará de 23 de Setembro de 1571 publicou em princípios de 1572 o seu grande poema, continuando uma vida de miséria, muitas vezes só socorrida pelo jau António que às ocultas do amo, pedia esmola com que lhe valia. Faleceu em Lisboa, numa pobre casa da calçada de Sant’Ana no dia 10 de Junho de 1580. Além do imortal poema, compôs o poeta, formosos versos bucólicos e satíricos, sonetos, etc.. O seu corpo repousa no Convento dos Jerónimos em Lisboa.

Portugal

1924/26 – Tipo “Ceres”

Verificando-se em fins de 1923, uma nova desvalorização do escudo em relação ao franco-ouro, houve que fazer uma nova tabela de taxas, com aumento de portes fixado por decreto de 11 de Fevereiro de 1924 (esta nova tabela vigorou durante 17 anos). Criada uma nova série para satisfazer as necessidades futuras, foram os selos impressos tipograficamente na Casa da Moeda em folhas de 180 selos com denteado 12x11,5. Utilizando-se papel liso (fino ou médio), foram emitidos 11.880.000 selos de 2 c. amarelo, 2.700.000 selos de 6 c. castanho claro, 1.800.000 selos de 8 c. amarelo laranja, 1.800.000 selos de 16 c. ultramar, 10.620.000 selos de 20 c. cinzento, 1.260.000 selos de 30 c. canela, 1.260.000 selos de 32 c. verde escuro, 95.120.000 selos de 40 c. chocolate, 900.000 selos de 48 c. rosa escuro, 540.000 selos de 64 c. ultramar, 6.120.000 selos de 80 c. violeta, 54.000 selos de 96 c. vermelho.



Portugal

1924/26 – Tipo “Ceres”

Utilizando-se papel lustrado espesso, foram emitidos 7.020.000 selos de 1\$00 ardósia 360.000 selos de 1\$20 bistre, 2.700.000 selos de 1\$50 lilás claro, 6.480.000 selos de 1\$60 azul escuro, 1.440.000 selos de 2\$00 verde cinzento escuro, 45.000 selos de 2\$40 verde seda, 45.000 selos de 3\$00 rosa claro, 135.000 selos de 3\$20 verde azeitona, 158.400 selos de 5\$00 verde esmeralda, 68.400 selos de 10\$00 rosa e 113.400 selos de 20\$00 azul turquesa.



Portugal

1925 – Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco

Criada a Grande Comissão do Monumento a Camilo Castelo Branco, pensou esta imediatamente, na emissão de selos comemorativos do primeiro centenário do nascimento do grande escritor, revertendo o produto da venda, a favor da construção do monumento. Tendo os CTT uma comissão pró-sanatório dos Correios e Telégrafos foi determinado que o lucro fosse dividido por estas duas comissões. O primeiro dia de circulação que havia sido marcado para 16 de Março, foi adiado por dez dias, para que os selos pudessem ser distribuídos pelas várias estações do País e assim circularam nos dias 26, 27 e 28 de Março de 1925, continuando a sua venda para fins filatélicos, até que em 1934 foram novamente postos em circulação os valores de \$04 \$05 \$06 \$10 \$15 \$20 \$25 \$30 \$40 \$50 \$80 1\$00 1\$20 1\$60 2\$00 e 4\$50, e em 1935 os valores de \$75 10\$00 e 20\$00. Em 1 de Outubro de 1945, foram definitivamente retirados de circulação. Estes selos foram impressos por Waterlow & Sons Ltd. de Londres, em folhas de 100 selos com denteado 12,5 utilizando papel pontilhado em losangos. Tomaram por base as taxas da anterior série de Camões, sendo os 31 valores postos em segunda impressão a preto sobre seis desenhos diferentes:

CASA DE S. MIGUEL DE SEIDE. Desenho de Alberto de Sousa inspirado em fotografia publicada pela Revista "Ocidente" de 1890, e gravura a talhe doce de George Fairweather. Foram emitidos 400.000 selos de \$02 laranja, 400.000 selos de \$03 verde, 400.000 selos de \$04 ultramar, 430.000 selos de \$05 vermelho, 405.000 selos de \$06 lilás vermelho, e 400.000 selos de \$08 sépia.



Portugal

1925 – 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco

GABINETE DE TRABALHO DE CAMILO CASTELO BRANCO. Desenho de Alberto de Sousa inspirado em fotografia publicada pela Revista "Ocidente" de 1890, e gravura a talhe doce de George Fairweather. Foram emitidos 420.000 selos de \$10 azul claro, 400.000 selos de \$16 laranja, 410.000 selos de \$20 violeta cinzento, 420.000 selos de \$30 bistre, 410.000 selos de \$32 verde, e 230.000 selos de \$48 castanho vermelho.



CAMILO CASTELO BRANCO. Desenho de Alberto de Sousa inspirado num retrato do escritor, e gravura a talhe doce de John Harrison. Foram emitidos 420.000 selos de \$15 verde azeitona, 420.000 selos de \$25 carmim, 910.000 selos de \$40 verde e preto, 220.000 selos de \$80 castanho, 370.000 selos de 1\$60 azul escuro e 250.000 selos de 4\$50 vermelho e preto.



Portugal

1925– 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco

TERESA DE ALBUQUERQUE. Personagem do romance “Amor de Perdição”. Desenho de imaginação de Alberto de Sousa, e gravura a talhe doce de John Harrison. Foram emitidos 210.500 selos de \$50 verde azul, 210.000 selos de \$64 castanho amarelo, 210.000 selos de \$75 ardósia, 240.000 selos de \$96 carmim, 200.500 selos de 1\$00 azul violeta, e 201.000 selos de 1\$20 verde amarelo.



Portugal

1925 – 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco

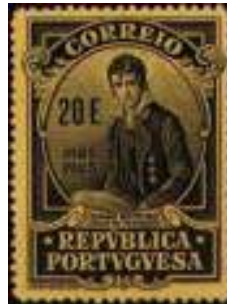
MARIANA E JOÃO DA CRUZ. Personagens do romance “Amor de Perdição”. Desenho de imaginação de Alberto de Sousa, e gravura a talhe doce de John Harrison. Foram emitidos 203.000 selos de 1\$50 azul s/ azul, 205.000 selos de 2\$00 verde escuro s/ verde, 200.500 selos de 2\$40 vermelho s/ amarelo, 200.500 selos de 3\$00 carmim s/ azul, 201.500 selos de 3\$20 preto s/ verde, e 201.000 selos de 10\$00 sépia s/ amarelo claro.



Portugal

1925 – 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco

SIMÃO BOTELHO. Personagem do romance “Amor de Perdição”. Desenho de imaginação do artista Alberto de Sousa e gravura a talhe doce de John Harrison. Foram emitidos 200.500 selos de 20\$00 preto s/ amarelo.



CAMILO CASTELO BRANCO. Célebre polígrafo do século XIX. Romancista, polemista, dramaturgo, poeta, biógrafo, bibliógrafo, crítico, cronista, investigador histórico, jornalista, tradutor, revedor e anotador de trabalhos alheios, organizador de edições, escreveu sermões por encomenda e ele mesmo se evidenciou como orador. Acima de tudo, foi novelista e satírico, no que brilhantemente ocupa lugar, entre os primeiros da Península. Era filho ilegítimo de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco e de Jacinta Rosa do Espírito Santo. Nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1825. Passou uma vida tormentosa a que veio juntar-se a doença, o filho louco, a falta de vista, as dificuldades financeiras, a impossibilidade de trabalhar, as mais cruéis dores físicas e morais, e com a cegueira por ultimo, na desesperança de qualquer melhora suicidou-se em S. Miguel de Seide em 1 de Junho de 1890, com um tiro de revolver. Entre as suas inúmeras obras, pode-se destacar o romance “Amor de Perdição” cuja primeira edição saiu na cidade do Porto no ano de 1862.

O 1º Centenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco - Foi festivamente festejado em todo o país. Apareceram muitas publicações camilianas, e toda a imprensa celebrou o facto. Realizaram-se conferencias, saraus e sessões solenes. Em Lisboa lançou-se a primeira pedra para o monumento a Camilo, e descerrou-se a lápida comemorativa do seu nascimento, no prédio nº 5 a 13 da Rua da Rosa. No Porto efectuou-se uma romagem ao seu túmulo no cemitério da Lapa, e inaugurou-se-lhe um busto de bronze, na avenida que tem o seu nome. Em Famalicão descerrou-se um monumento e em S. Miguel-de-Seide realizou-se uma romagem à casa onde o escritor viveu os últimos 27 anos. Em Vila Real lançou-se a primeira pedra para um busto. Em Viana do Castelo colocou-se uma lápida na casinha onde Camilo algum tempo morou.

Portugal

1926 – Tipo “Ceres”

Por portaria de 25 de Maio de 1926 foram retiradas de circulação várias taxas das anteriores emissões “Ceres”, por não se justificar a sua existência, e bem assim emitir os valores de \$02 \$04 \$25 e \$40 em novas cores para evitar que se confundissem com os selos representativos dos portes internacionais (\$32 e \$96). Foram emitidos 2.160.000 selos de \$02 chocolate, 720.000 selos de \$04 laranja, 900.000 selos de \$25 cinzento, e 3.420.000 selos de \$40 verde esmeralda.



Por Diploma de 6 de Novembro de 1926, foram definitivamente retirados de circulação 59 selos tipo “Ceres” de diversas taxas e cores, que muito prejudicavam os serviços dos Correios, pelas confusões que originavam.

Portugal

1926 – 1ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

A Comissão Central 1º de Dezembro de 1640, fundada em 1861 para defender, propagandear e comemorar a Independência de Portugal e especialmente a Restauração de 1640, tinha em vista a aquisição do Palácio dos Condes de Almada, em Lisboa, para ali instalar um museu da Independência, assim como preparar para uma comemoração condigna, o 8º Centenário da Fundação de Portugal e 3º da Restauração da sua independência. Com o fim de conseguir fundos para a aquisição do palácio e para a prevista comemoração, resolveram emitir selos onde se reproduzissem os vultos mais notáveis da Fundação, Consolidação e Restauração da Independência, ou de factos mais importantes da nossa História, em sua defesa. A primeira série deste plano circulou nos dias 13 a 14 de Agosto (data da Batalha de Aljubarrota), e 30 de Novembro a 1 de Dezembro (data da Restauração da Independência), mantendo-se a venda para fins filatélicos, até 28 de Setembro de 1927. Foram impressos por Thomas de La Rue & Cº Ltd. de Londres em folhas de 100 selos com denteado 14 utilizando papel pontilhado em losangos. Tomaram por base os valores e cores dos selos “Ceres” em curso, sendo os motivos centrais impressos a preto e os 21 valores divididos por seis desenhos:

D. AFONSO HENRIQUES. “O Conquistador”, fundador da monarquia portuguesa e um dos vultos mais notáveis da História da Idade Média, nasceu em Guimarães no ano de 1111 e era filho do Conde D. Henrique e de D. Teresa. Até aos 12 anos esteve entregue aos cuidados do seu aio Egas Moniz, e aos 14 anos foi armado cavaleiro na Catedral de Samora. Ainda novo, insurge-se contra sua mãe que lhe comprometia o futuro governo do condado, governo nas mãos de D. Teresa desde a morte de D. Henrique, vencendo-a em 1128 na batalha de S. Mamede. Em 1139 vence os mouros na batalha de Ourique, e em 1140 é considerado Rei de Portugal, sendo em 1143 reconhecido pelo Papa Inocêncio II. A partir desta data, muito aumenta o território, com uma série de conquistas aos mouros. Toma Lisboa em 1147, seguindo-se Sintra, Almada, Palmela, Alenquer, Alcácer do Sal, Évora e Beja. Em 1149 conquista Santarém continuando a combater até aos últimos dias da sua vida. Do seu casamento com D. Mafalda em 1146, nasceram os filhos D. Sancho e D. Urraca. Faleceu com 74 anos, em 6 de Dezembro de 1185, estando sepultado no Convento de Santa Cruz de Coimbra, que ele fundara.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa, e fotografia da estátua existente em Guimarães e que é do escultor Soares dos Reis. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 191.600 selos de \$02 amarelo laranja, 206.800 selos de \$04 verde esmeralda, 161.000 selos de \$06 castanho claro, e 146.800 selos de \$16 azul ultramarino.



Portugal

1926 – 1ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

D. JOÃO I e MOSTEIRO DA BATALHA. Mandou este monarca construir o sumptuoso mosteiro, em pagamento duma promessa feita à Virgem Santíssima, momentos antes da Batalha de Aljubarrota. O Mosteiro de Santa Maria da Vitória começou a ser edificado em 1385 no mesmo ano e local da batalha, sendo seu primeiro arquitecto Afonso Domingos mesmo depois de cego, seguido após a sua morte, de outros architectos que terminaram a construção no reinado de D. João III, durando a obra considerada uma das mais belas da Europa, cerca de 200 anos.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa, fotografia directa do Mosteiro, e desenho de D. João I por Alfredo Roque Gameiro segundo o quadro existente à época, na Galeria Imperial de Viena (hoje no Museu de Arte Antiga em Lisboa). Gravura a talhe doce de George Harrisan e Norman Broad. Foram emitidos 181.800 selos de \$03 azul, 491.800 selos de \$05 sépia, 301.800 selos de \$15 verde cinzento, e 126.800 selos de \$46 carmim.



Portugal

1926 – Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

D. FILIPA DE VILHENA ARMANDO SEUS FILHOS. Nasceu em Lisboa e era filha de D. Jerónimo Coutinho, vice-rei da Índia. Senhora resoluta e briosa, ao ter conhecimento dos preparativos para a revolução de 1 de Dezembro de 1640, aconselhou seus filhos, D. Jerónimo de Ataíde e D. Francisco Coutinho, a que aderissem e partilhassem os perigos dos heróicos patriotas. Na madrugada de 1 de Dezembro, cingiu ela própria as armas a seus filhos mandando-os combater pela pátria, dizendo-lhes que só voltassem a aparecer-lhe honrados e vitoriosos. Faleceu em Lisboa, a 1 de Abril de 1651.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa e desenho de Alberto de Sousa, segundo um quadro que desenhou e havia já sido reproduzido na História de Portugal de Pinheiro Chagas, edição de 1899. Gravura a talhe doce de George Harrison: e Norman Broad. Foram emitidos 223.300 selos de \$25 vermelho, 663.300 selos de \$40 castanho amarelo, 135.800 selos de \$50 bistré esverdeado, e 133.800 selos de \$75 castanho vermelho.



D. JOÃO IV. O Restaurador, nasceu em Vila Viçosa a 19 de Março de 1604 e faleceu a 6 de Novembro de 1656. Num último esforço para libertar Portugal do domínio castelhano, raiou o memorável dia 1º de Dezembro de 1640, com a aclamação de D. João IV. O então Duque de Bragança, que nunca se interessara pelos negócios do Estado mas unicamente pela música e pela caça, foi informado da sua aclamação por Pedro de Mendonça, que para isso se deslocara a Vila Viçosa. D. João chegou a Lisboa no dia 6 de Dezembro, tendo-se realizado a cerimónia da coroação em 15 do mesmo mês.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa, e retrato do soberano em gravura da época, publicado no opúsculo “A Restauração de Portugal” Lisboa 1885. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 123.800 selos de \$64 verde escuro, e 156.800 selos de 1\$00 violeta cinzento.



Portugal

1926 – 1ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

MONUMENTO DOS RESTAURADORES DE PORTUGAL. Ficou conhecida na História do país como Guerra da Restauração, a luta que durante 28 anos se sustentou contra a Espanha, para resgatar e assegurar a Independência de Portugal, libertando o nosso país do jugo de 60 anos que sofreu sob o domínio castelhano. Em comemoração desta guerra, inaugurou-se solenemente a 28 de Abril de 1886, um monumento dedicado aos heróicos restauradores, na Avenida da Liberdade em Lisboa, no local a que se deu o nome de Praça dos Restauradores.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa, e fotografia directa do monumento. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 126.800 selos de \$96 vermelho, 122.800 selos de 3\$00 lilás, e 129.100 selos de 4\$50 verde azeitona.



Portugal

1926 – 1ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

BATALHA DE ALJUBARROTA. Às dez horas da manhã do dia 14 de Agosto de 1385, encontraram-se frente a frente, os exércitos português e castelhano, formando em linha de batalha. O exército português era formado na vanguarda por 1.700 lanças, 800 besteiros e 4.000 infantes sob o comando do Condestável Nuno Alvares Pereira, e na retaguarda por 700 lanças e 300 bésteiros sob o comando de D. João I. O exército castelhano era formado por 5.000 lanças francesas e doutras nações, 2.000 ginetes, 8.000 bésteiros e 15.000 infantes com apoio de artilharia, sob o comando do Rei de Castela. Depois de três quartos de hora de renhido combate, onde de parte a parte se feriram sem dó, a vitória declarou-se a favor dos portugueses, tendo o Rei de Castela fugido. Ficou esta grande batalha, memorável pelo grande feito das forças portuguesas em desvantagem de homens e armamento. Em comemoração da Batalha de Aljubarrota, edificou D. João I o Convento de Santa Maria da Vitória na Batalha, e D. Nuno Alvares Pereira o Convento do Carmo em Lisboa.

Moldura de autoria do Major Eduardo Avelino Ramos da Costa, e desenho de Alfredo Roque Gameiro, que havia sido publicado pela primeira vez na História de Portugal de Pinheiro Chagas na edição de 1899. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 196.800 selos de 20 violeta, 143.800 selos de \$32 verde escuro, 141.800 selos de 1\$60 verde azul, e 114.100 selos de 10\$00 carmim.



Do total de 4.110.600 selos emitidos, 390.000 selos foram sobretaxados em Novembro de 1926 e 1.608.818 selos foram queimados em 30/IX/1927, 1/X/1927 e 31/X/1927

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1926 – Selos Comemorativos da independência do Portugal, com sobretaxa

As taxas de 2, 3, 4 e 6 centavos da série Independência, venderam-se na quase totalidade, receando-se assim, que no segundo período de circulação, o público não tivesse selos destas taxas para franquear a sua correspondência. Por este motivo, pediu a Comissão autorização superior para sobretaxar com esses valores, os selos cuja venda havia sido mais reduzida. A sobretaxa foi aposta tipograficamente em caracteres góticos a preto, pela Casa da Moeda. Foram sobretaxados 100.000 selos de \$02 s/ \$05, 30.000 selos de \$02 s/ \$46, 30.000 selos de \$02 s/ \$64, 40.000 selos de \$03 s/ \$75, 30.000 selos de \$03 s/ \$96, 50.000 selos de \$03 s/1\$00, 20.000 selos de \$04 s/ 1\$60, 30.000 selos de \$04 s/ 3\$00, 30.000 selos de \$06 s/ 4\$50 e 30.000 solos de \$06 s/ 10\$00.



Em 18 de Dezembro de 1926 destruiu-se todo o material utilizado nestas sobretaxas para evitar falsificações, e em 31 de Outubro de 1927, foram queimadas as sobras existentes, no total de 16.875 selos (total da emissão 390.000).

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1926 – Tipo “Ceres” – Emissão de Londres

Desde o início da Guerra de 1914/1918 que a imperfeição do fabrico dos selos “Ceres” por parte da Casa da Moeda, se vinha acentuando, devido à má qualidade dos papeis e das tintas, e ainda ao desgaste das máquinas que por motivos de ordem económica não eram substituídas. A má qualidade dos selos emitidos facilitaram inúmeras falsificações, com o prejuízo correspondente. Estudou-se um novo tipo de selos-base (Lusíadas), mas tornando-se demorada a execução do modelo aprovado, resolveu-se mandar fazer no estrangeiro, uma emissão “Ceres”. Escolhida a firma Thomas de La Rue & C.^a Ltd. de Londres, entregou esta ao desenhador e gravador Eugénio Carlo Alberto Meronti, o trabalho de transformar o anterior desenho de Constantino Fernandes, de modo a que desenho e gravura melhor se pudessem adaptar à litografia. O papel utilizado é pontilhado em losangos, sendo os selos tipografados em folhas de 100 selos com denteado 13,5x14, em cores nítidas mas com diferenças de tonalidade entre as 13 tiragens a que tiveram de recorrer, por não autorizar o Ministério das Finanças, uma encomenda do valor considerado necessário devido a dificuldades financeiras. Foram emitidos 8.245.000 selos de \$02 chocolate, 8.125.000 selos de \$03 azul, 21.055.000 selos \$04 amarelo laranja, 20.195.000 selos de \$05 sépia, 4.500.000 selos de \$06 castanho claro, 23.000.000 selos de \$10 carmim, 27.400.000 selos de \$15 preto, 3.200.000 selos de \$16 ultramar, 15.750.000 selos de \$25 cinzento, 1.920.000 selos de \$32 verde escuro, 111.200.000 selos de \$40 verde esmeralda, 1.170.000 selos de \$48 rosa escuro.



Portugal

1926 – Tipo “Ceres” – Emissão de Londres

Foram emitidos 3.250.000 selos de \$50 amarelo cidrão, 1.340.000 selos de \$64 azul oriental, 8.000.000 de selos de \$80 violeta escuro, 2.020.000 selos de \$96 encarnado, 3.500.000 selos de 1\$00 lilás vermelho, 1.500.000 selos de 1\$20 bistre, 9.760.000 selos de 1\$60 azul escuro, 2.600.000 selos de 2\$00 verde cinzento, 420.000 selos de 3\$20 verde azeitona, 3.500.000 selos de 4\$50 amarelo claro, 850.000 selos de 5\$00 bistre claro, e 750.000 selos de 10\$00 vermelho.



Por portarias datadas de 9 de Março, 5 de Abril, e 29 de Junho de 1931, foram estes selos retirados de circulação em 15 de Abril as taxas de 4\$50, 5\$00 e 10\$00, e em 31 de Agosto todas as restantes.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1927 – 2ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

A ex-Comissão Central 1º de Dezembro de 1640, chamada “Sociedade Histórica da Independência de Portugal”, desde Fevereiro de 1927, resolveu entregar á firma Thomas de La Rue & Cº Ltd. de Londres, o fabrico das suas futuras séries anuais, levando em consideração a perfeição do trabalho desta firma, na execução dos selos da 1ª série Independência. Escolhidos os seis motivos a representar, foram os respectivos desenhos sorteados pelos artistas Alberto de Sousa, Alfredo Roque Gameiro e Alfredo Morais. Estes selos circularam de 29 de Novembro a 2 de Dezembro, continuando a sua venda para fins filatélicos. Foram impressos em papel pontilhado em losangos, em folhas de 100 selos com denteado 14. Os motivos centrais foram impressos a preto, e as 15 taxas divididas pelos seis desenhos:

GONÇALO MENDES DA MAIA, O LIDADOR. Companheiro heróico de D. Afonso Henriques, nascido na aldeia de Paiços. Chamavam-lhe “O Lidador” por andar em contínuas batalhas (lides), contra os mouros. Nunca perdeu uma batalha, e em 4 de Abril de 1170, tendo 95 anos de idade, encontrou-se perto de Beja com o rei mouro Alboylemar que também era conhecido pela sua bravura e invencibilidade; embora as tropas infiéis fossem bastante superiores às de Mendes da Maia, saiu este vencedor, morrendo o rei mouro no combate. Não teve o Lidador tempo de embainhar a sua espada, enfrentando as tropas do rei de Tânger, Aliboacem que vinha em socorro do rei mouro vencido. Ainda desta batalha saiu Mendes da Maia vencedor, mas não resistindo às feridas recebidas, morreu como sempre vivera, pelejando e vencendo

Desenho de imaginação de Alberto de Sousa, por não se conhecer iconografia do guerreiro. Gravura a talhe doce de George Harrisan. Foram emitidos 500.000 selos de \$02 castanho amarelo, 400.000 selos de \$04 laranja, 150.000 selos de \$25 cinzento, e 80.000 selos de \$48 carmim.



Portugal

1927 – 2ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

CASTELO DE GUIMARÃES. Mandado construir por Mumadona, condessa, tia de D. Ramiro II rei de Leão, para defesa do mosteiro que edificara em 926, e do burgo adjacente. Foi neste Castelo que nasceu o Fundador da Monarquia Portuguesa, e onde esteve instalada a primeira côrte de Portugal. Compõe-se o Castelo de Guimarães, de sete torres quadrangulares, unidas por lanços de altas muralhas ameiadas, e da torre de menagem muito mais elevada do que as outras. Todo o Castelo está construído de grossas pedras de granito.

Desenho de Alfredo Roque Gameiro, segundo fotografia directa do local. Gravura a talhe doce de George Harrison. Foram emitidos 500.000 selos de \$03 azul, 300.000 selos de \$15 violeta castanho, e 80.000 selos de \$80 violeta.



DR. JOÃO DAS REGRAS. Notável juriconsulto, filho de Afonso Anes das Regras, nasceu em Lisboa e formou-se na Universidade de Bolonha. Partidário do Mestre de Aviz, foi chanceler interino do reino em 1385, e quando reuniram as Côrtes de Coimbra para se proceder à escolha do Rei, foi ele que com a sua eloquência e a sua ciência jurídica, conseguiu provar a ilegitimidade dos filhos de Inez de Castro, destruindo assim, o principal argumento dos adversários do Mestre de Aviz, sendo este eleito definitivamente, Rei de Portugal.

Desenho de Alfredo Morais, segundo um retrato publicado nos "Retratos e Elogios de Varões e Donas" e reproduzido na "História de Portugal" de Pinheiro Chagas, edição de 1899. Gravura a talhe doce de George Harrison. Foram emitidos 400.000 selos de \$05 castanho, 200.000 selos de \$16 azul escuro, e 80.000 selos de 1\$60 azul cinzento.



Portugal

1927 – 2ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

BATALHA DO MONTIJO. Conseguindo o General Matias de Albuquerque reunir um pequeno exército formado por 6.000 homens de infantaria 1.100 de cavalaria e 6 canhões para combater as forças de Filipe III, tomou a povoação do Montijo no Alentejo. O General espanhol, Marquês de Torrecuse, quis punir esta audácia, enviando ao encontro dos portugueses, o Barão de Mollingen com 6.000 homens de infantaria e 2.500 de cavalaria. Às 9 horas do dia 26 de Maio de 1644, deu-se o encontro dos dois exércitos, sendo vergonhoso o comportamento dos soldados portugueses, em fuga sem disparar um tiro. As tropas castelhanas logo se entregaram à pilhagem, o que permitiu ao valoroso General Matias de Albuquerque, conseguir reunir alguns homens com que contra-atacou os castelhanos, pondo-os em debandada e dando a vitória aos portugueses. O efeito moral desta vitória foi imenso, e D. João IV deu o título de Conde de Alegrete ao General Matias de Albuquerque, o herói da batalha a que devia a consolidação da coroa.

Desenho de imaginação de Alfredo Roque Gameiro, e gravura a talhe doce de George Harrison. Foram emitidos 400.000 selos de \$06 castanho vermelho, e 100.000 selos de \$32 verde.



Brites de Almeida, PADEIRA DE ALJUBARROTA. Natural de Faro, de génio irascível e desordeiro, gostava do jogo do pau e de rixas, donde saía quási sempre vencedora. Órfã aos 26 anos, dedicou-se ao negócio de gados, estando continuamente metida em escaramuças. Embora não tivesse quaisquer atractivos femininos, um soldado alentejano propôs-lhe casamento, ao que Brites de Almeida impôs como condição, lutar com ela! Desta briga resultou a morte do soldado, fugindo a namorada para Espanha. O barco em que seguia foi aprisionado pelos piratas que a venderam em Argel como escrava. Para recuperar a liberdade, matou o mouro seu senhor. Regressando a Portugal disfarçada de homem, trabalhou como almocreve, até que numa briga matou outro almocreve, sendo presa. Quando posta em liberdade, foi para uma padaria em Aljubarrota, e no dia da Batalha, quando os castelhanos debandaram, armou-se com a sua pá de forno e capitaneou um grupo de populares que perseguiram os fugitivos. Ao cair da noite, encontrou escondidos no forno apagado, sete castelhanos, matando-os com a sua pá, antes que estes pudessem fugir.

Desenho de imaginação de Alfredo Morais, e gravura a talhe doce de George Harrison. Foram emitidos 500.000 selos de \$40 verde amarelo, e 80.000 selos de \$96 vermelho.



Portugal

1927 – 2ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

DR. JOÃO PINTO RIBEIRO. Um dos gloriosos conspiradores de 1640, nasceu em Lisboa no começo da última década do século XVI. Tomou o grau de bacharel em Direito Canónico na Universidade de Coimbra, foi nomeado por Filipe II, juiz de fora, de Pinhel, e por Filipe III, juiz de fora, de Ponte de Lima. Em 1639 era administrador dos negócios da Casa de Bragança, e por alvará de Filipe III, armado cavaleiro. Compareceu pela primeira vez á reunião dos conjurados em 12 de Outubro de 1640, tendo-se evidenciado como activíssimo auxiliar e elo de ligação entre os conjurados e o Duque de Bragança, ao mesmo tempo que animava ambos. Passada a Revolução, abandonou a política, exercendo o cargo de contador-mor para que foi nomeado em 14 de Janeiro de 1641, e de Guarda-mor da Torre do Tombo para que foi nomeado em 2 de Abril de 1644. Faleceu em Lisboa a 11 de Agosto de 1649.

Desenho de Alfredo Morais, segundo um quadro existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, e gravura a talhe doce de George Harrison. Foram emitidos 80.000 selos de 4\$50 bistro.



Portugal

1928 – 3ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

Em sessão da direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, realizada em 16 de Fevereiro de 1928, foram apresentados e aprovados unanimemente, os motivos para a nova emissão. O trabalho foi entregue à firma Thomas de La Rue & C.^a de Londres, que utilizou papel pontilhado em losangos, em folhas de 100 selos com denteado 14. Os centros foram impressos a preto, e as 16 taxas divididas pelos 6 desenhos:

GUALDIM PAES. Mestre da Ordem do Templo em Portugal, cavaleiro que se tornou notável pela sua bravura e intrepidez nas guerras das cruzadas. Nasceu em 1118 na Vila de Amares, próximo de Braga. Companheiro de D. Afonso Henriques, com quem fôra criado e de quem era grande amigo, foi por ele armado cavaleiro, na batalha de Ourique. Seguiu mais tarde para a Palestina como templário, muito enaltecendo o nome de Portugal. De regresso a Lisboa, D. Afonso nomeou-o comendador de Sintra em 1152, dando-lhe casas e fazendas. Em 1157 foi elevado a mestre absoluto da Ordem do Templo em Portugal. Em 1 de Março de 1160 lançou os fundamentos para o Castelo de Tomar, ao mesmo tempo que fundou a povoação chamada Rio de Tomar, a que deu foral em 1162, chamando-lhe Cidade de Tomar. Gualdim Paes ergueu das ruínas os Castelos de Monsanto, Almourol, Zézere e Idanha. Conquistou o Alentejo por ordem de Afonso Henriques, que doou à Ordem do Templo um terço das terras conquistadas além Tejo. Faleceu no seu Castelo de Tomar a 13 de Outubro de 1195.

Moldura de autoria do Major Ramos da Costa, e desenho da efígie, de Alfredo Morais inspirado num retrato a três quartos publicado na revista "O Camões" em 1882. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 500.000 selos de \$02 azul claro, 200.000 selos de \$25 ultramar, e 80.000 selos de 1\$60 azul escuro.



Portugal

1928 – 3ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

BATALHA DOS ATOLEIROS. Poucos meses depois da morte do Conde de Andeiro, o rei D. João I de Castela marchou sobre Lisboa para a sitiá-la, ao mesmo tempo que outro exército castelhano invadia o Alentejo não podendo o Rei, de Portugal abandonar Lisboa, enviou o Condestável em socorro das populações alentejanas. Nuno Alvares, acompanhado de 300 lanças e 1.500 homens, marchou sobre o Crato onde estava o exército castelhano formado de 1.000 lanças e 5.000 homens incluindo os portugueses que se lhe tinham juntado e eram comandados pelo Prior do Crato, D. Pedro Alvares, irmão mais velho do Condestável. No dia 6 de Abril de 1384, o Prior do Crato mandou um mensageiro a seu irmão, propondo-lhe que passasse para as hostes castelhanas. Repudiada a proposta, as tropas castelhanas abandonaram o cerco que então faziam à Vila da Fronteira, marchando sobre o exército português. Nuno Alvares Pereira esperou as tropas inimigas no lugar dos Atoleiros, desmontando a cavalaria e formando as suas tropas em quadrado. As fortes tropas castelhanas carregaram com a cavalaria quatro vezes esbarrando nas lanças portuguesas, até que desanimadas se puseram em fuga, deixando mais de 120 mortos no terreno. Embora não tenha sido um grande combate, tornou-se notável por ter avigorado os ânimos indecisos de alguns portugueses e bem assim intimidado os castelhanos, afirmando ainda a força da infantaria no campo de batalha.

Desenho de imaginação de Alfredo Roque Gameiro, e gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 400.000 selos de \$05 verde azeitona, 800.000 selos de \$40 sépia, e 50.000 selos de 1\$00 lilás vermelho.



JOANA DE GOUVEIA. Figura heróica de mulher do povo, que segundo a lenda, destemidamente perseguiu os castelhanos no ano de 1385, quando da debandada resultante da Batalha de Aljubarrota. Desenho de imaginação de Alberto de Sousa, e gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 300.000 selos de \$06 castanho, 150.000 selos de \$32 verde, e 60.000 selos de \$96 vermelho.



Portugal

1928 – 3ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

CONQUISTA DE SANTARÉM. Estava a cidade nas mãos do rei árabe Cyro que a tomara depois de lhe pôr cerco em 1110. Em 1147 D. Afonso Henriques tomou Santarém em assalto de surpresa, com 250 homens divididos por duas secções, comandadas por D. Afonso e por seu irmão D. Pedro Afonso. O valoroso cavaleiro D. Mem Moniz, auxiliado por cinco companheiros, foi quem arrombou a golpes de machado a porta de Atamarma, por onde logo entrou D. Afonso Henriques, ao mesmo tempo que o grupo, chefiado por D. Pedro Afonso, escalava as muralhas. Poucos foram os mouros que conseguiram a fuga, escapando à chacina.

Desenho de Alfredo Roque Gameiro, inspirado num outro também de sua autoria e publicado na “História de Portugal” de Pinheiro Chagas, edição de 1899. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 500.000 selos de \$03 verde amarelo, 300.000 selos de \$15 cinzento escuro, e 100.000 selos de \$80 cinzento claro.



BATALHA DA ROLIÇA. Nos limites de Roliça, Calumbeira e azambujeira dos Canos, travada a 17 de Agosto de 1808 entre as tropas francesas do comando do General Laborde e as tropas anglo-portuguesas do comando de Artur Wellesley (Lorde Wellington). As tropas francesas eram em menor número, mas entrincheiradas em posições quasi inexpugnáveis, que as tropas aliadas conseguiram conquistar à ponta de baionetas. As tropas francesas tiveram mais de 500 mortos e feridos, antes de retirarem em direcção a Torres Vedras.

Desenho de imaginação de Alfredo Morais, e gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 400.000 selos de \$04 carmim, 200.000 selos de \$16 violeta, e 80.000 selos de \$50 laranja.



Portugal

1928 – 3ª Emissão Comemorativa da Independência de Portugal

MATIAS DE ALBUQUERQUE. Conde de Alegrete, General ilustre, pertencente à família dos Albuquerque, nasceu em Pernambuco em fins do século XVI. Foi governador da capitania de Pernambuco e veio para a Europa na época do domínio castelhano, voltando a Pernambuco com uma pequena esquadra para defender a sua capitania contra os holandeses. Tantas intrigas lhe moveu o seu inimigo Conde de Bagnuolo, que foi preso no Castelo de S. Jorge, donde só foi liberto no dia 1 de Dezembro de 1640. Estava comandando os exércitos do Alentejo, quando em 28 de Maio de 1644, no Montijo, travou violenta batalha, contra as tropas castelhanas do comando do Barão Mollingen, sendo total a derrota dos espanhóis. Por esta vitória, agraciou D. João IV o valente General com o título de Conde de Alegrete. Novas suspeitas lhe são levantadas retirando-lhe o comando e pondo-o prisioneiro no Castelo de Outão em Setúbal. Reconhecida a sua inocência em 1646, voltou a reassumir o seu comando mas continuando a ser perseguido pelos seus inimigos, pediu a demissão, falecendo pouco depois em Lisboa, a 5 de Junho de 1647.

Moldura de autoria do Major Ramos da Costa e retrato em desenho de imaginação de Alfredo Morais. Gravura a talhe doce de George Harrison e Norman Broad. Foram emitidos 60.000 selos de 4\$50 amarelo.



Por decreto de 25 de Novembro de 1929, determinou o Governo que terminassem as emissões comemorativas, levando em consideração quanto desorganizavam os serviços postais, e as confusões e prejuízos para o público. Assim foi esta a última série da "Independência", embora já estivesse prevista a do ano de 1929 com os desenhos de Viriato, Castelo de Almoural com D. Pedro Peres Correia, D. Leonor de Menezes, Castelo de Leiria, D. António Prior do Crato, e Marquês de Castelo Melhor.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1928/1929 – Selos tipo “Ceres” com sobretaxa

Com vista ao aproveitamento das grandes quantidades de selos retirados de circulação, agora em depósito na Casa da Moeda, e no intuito de diminuir as encomendas à firma inglesa que estava fabricando os selos-base, com desequilíbrio do orçamento da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, a portaria de 19 de Setembro de 1928, mandou pôr em circulação os referidos selos, depois de sobretaxados (\$04 \$10 \$15 \$16 \$40 \$80 \$96 e 1\$60). Foram postos em circulação 1.024.480 selos de \$04 s/8 laranja, 629.620 selos de \$04 s/30 castanho, 544.140 selos de \$10 s/ 1/4 sépia, 185.840 selos de \$10 s/ 1/2 preto, 231.200 selos de \$10 s/1 castanho vermelho, 967.980 selos de \$10 s/ 4 verde, 720.000 selos de \$10 s/ 4 laranja, 1.595.080 selos de \$10 s/6 sépia, 965.920 selos de \$15 s/16 ultramar, 10.800 selos de \$15 s/20 castanho, 554.980 selos de \$15 s/20 cinzento, 83.420 selos de \$15 s/24 verde azul, 560.000 selos de \$15 s/25 rosa, 899.060 selos de \$15 s/25 cinzento, 324.189 selos de \$16 s/32 verde, 4.132.140 selos de \$40 s/2 laranja, 36.000 selos de \$40 s/ 2 amarelo, 1.694.000 selos de \$40 s/ 2 chocolate, 3.513.360 selos de \$40 s/ 3 azul, 1.634.820 selos de \$40 s/ 50 amarelo.



Portugal

1928/1929 – Selos tipo “Ceres” com sobretaxa

Foram postos em circulação 239.700 selos de \$40 s/60 azul, 156.540 selos de \$40 s/64 ultramar, 1.204.320 selos de \$40 s/75 lilás rosa, 1.052.060 selos de \$40 s/ 80 violeta, 49.800 selos de \$40 s/90 azul claro, 526.360 selos de \$40 s/1\$10 bistre, 180.000 selos de \$80 s/6 rosa, 1.154.340 selos de \$80 s/ 6 castanho, 280.540 selos de \$80 s/ 48 rosa, 126.000 selos de \$96 s/ 1\$20 verde, 61.170 selos de 1\$60 s/2\$ verde escuro, 3.253.260 selos de \$40 s/1\$ ardósia, 1.911.820 selos de \$80 s/ 1\$50 lilás, 108.220 selos de \$96 s/1\$20 bistre, 61.170 selos de 1\$60 s/2\$00 verde cinzento, 36.440 selos de 1\$60 s/3\$20 verde azul, e 59.940 selos de 1\$60 s/ 20\$00 azul turquesa.



Portugal

1929 – Selos tipo “Ceres” com sobrecarga REVALIDADO

A portaria de 19 de Setembro de 1928 que mandava sobretaxar com os valores necessários, os selos “Ceres” existentes na Casa da Moeda, mandou sobrecarregar com REVALIDADO, aqueles selos cujas taxas já correspondiam aos portes mais usuais. A sobrecarga foi posta na Casa da Moeda, a vermelho no selo de \$15 e a preto nos restantes. Foram sobrecarregados 2.577.260 selos de \$10 laranja vermelho, 1.913.000 selos de \$15 preto, 3.556.900 selos de \$40 chocolate, 3.192.000 selos de \$40 verde, 364.680 selos de \$96 vermelho, e 713.640 selos de 1\$60 azul.



1929 – Selo de Imposto Telefónico com sobrecarga e sobretaxa

Com o mesmo propósito de aproveitamento e ao abrigo da portaria de 19 de Setembro de 1928, foram sobrecarregados/sobretaxados “CORREIO 1\$60”, a preto pela Casa da Moeda, 318.000 selos de \$05 castanho vermelho, de Imposto Telefónico de 1921.



Portugal

1930 – Tipo “Ceres” gravura retocada

Por motivos de ordem económica, e ainda pelo descrédito que era para a nossa casa impressora, recorreremos a uma firma estrangeira para a impressão dos nossos selos-base, concordou o Governo em que os mesmos passassem a ser novamente impressos na Casa da Moeda que adquirira novas máquinas. A anterior gravura de José de Carvalho e Silva, foi retocada pelo gravador Arnaldo Fragoso, e a impressão tipográfica em papel pontilhado em losangos, feita em folhas de 100 selos com denteado 12x11,5. Foram emitidos 3.123.800 selos de \$04 laranja, 7.134.400 selos de \$05 chocolate, 1.000.000 de selos de \$06 castanho vermelho, 5.221.000 selos de \$10 vermelho, 12.604.800 selos de \$15 preto, 5.000.000 de selos de \$25 cinzento, 2.092.700 selos de \$25 verde escuro, 800.000 selos de \$32 verde escuro, 44.698.900 selos de \$40 verde esmeralda, 400.000 selos de \$50 bistre, 1.000.000 de selos de \$50 laranja vermelho, 1.046.800 selos de \$75 carmim, 2.031.000 selos de \$80 verde escuro, 1.543.000 selos de 1\$00 lilás vermelho, 560.400 selos de 1\$20 castanho, 3.000.200 selos de 1\$25 azul escuro, 500.000 selos de 2\$00 roxo, e 500.800 selos de 4\$50 amarelo claro.



As emissões “Ceres” foram retiradas de circulação em 1 de Outubro de 1945, tendo circulado durante 30 anos.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1931 – Tipo “Lusíadas”

Com o propósito de substituir os selos tipo “Ceres”, foi aberto concurso em 1926, para o desenho de um novo selo-base, aprovando-se o desenho de Pedro Guedes (alegoria da República segurando os Lusíadas). A gravura foi feita por Arnaldo Lourenço Fragoso, e o trabalho entregue à Casa da Moeda, embora qualquer das cinco firmas estrangeiras concorrentes, tomassem conta do mesmo, em melhores condições, quer técnicas, quer financeiras. Impressos tipograficamente em folhas de 100 selos de papel liso médio e papel pontilhado em losangos, sendo o denteado 14. Foram emitidos 31.061.000 selos de \$04 bistre, 53.373.600 selos de \$05 sépia, 5.648.500 selos de \$06 cinzento, 92.550.200 selos de \$10 violeta, 65.457.800 selos de \$15 preto, 1.500.000 selos de \$16 azul, 20.700.000 selos de \$25 verde, 157.624.400 selos de \$40 laranja vermelho, 1.000.000 de selos de \$48 tijolo, 93.568.600 selos de \$50 castanho, 3.630.200 selos de \$75 carmim, 22.838.700 selos de \$80 verde, 6.785.300 selos de 1\$00 lilás vermelho, 1.000.000 de selos de 1\$20 verde azeitona, 8.564.100 selos de 1\$25 azul escuro, 9.234.000 selos de 2\$00 violeta, 3.535.700 selos de 4\$50 laranja, e 7.210.900 selos de 5\$00 verde amarelo.



Portugal

1931 – Emissão Comemorativa do 7º Centenário da morte de Santo António de Lisboa

Em 3 de Junho de 1931 foi publicado um decreto, alterando o de 25 de Novembro de 1929, ao prescrever que os Correios e Telégrafos poderiam ser autorizados a “fazer emissões extraordinárias de selos postais comemorativos de vultos ou datas notáveis da história portuguesa, ou para propaganda do nosso património artístico, de motivos turísticos, ou de factores económicos”. Estudou-se logo a comemoração do 7º centenário da morte de Santo António de Lisboa, em 13 de Junho. Os selos foram impressos na Casa da Moeda, tipograficamente o de 15 centavos, e litograficamente (off set) os restantes valores. O papel usado foi o liso, médio ou espesso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 5 milhões de selos de \$15 lilás vermelho, 3 milhões de selos de \$25 verde, 4 milhões de selos de \$40 bistre, 1 milhão de selos de \$75 rosa, 1 milhão de selos de 1\$25 azul cinzento, e 1 milhão de selos de 4\$50 violeta. Circularam de 13 a 30 de Junho, e de 5 a 15 de Agosto, mantendo-se a venda para fins filatélicos, até 31 de Dezembro de 1931.



O selo de \$15 foi desenhado e gravado por Arnaldo Fragoso, e representa o “quarto onde nasceu Santo António, na sua casa em Lisboa, junto à Igreja de Santo António da Sé”, segundo uma fotografia do local. O selo de 4\$50 foi desenhado por Júlio Alves e representa o “túmulo das relíquias de Santo António na Catedral de Pádua”.



O selo de \$25 foi desenhado por António Lima e representa a “Pia Baptismal existente na Sé de Lisboa, e onde foi baptizado Santo António”. O selo de \$40 foi desenhado por Júlio Alves e representa a “Sé de Lisboa em cuja escola foi estudante o jovem Fernando Martins de Bulhão”, apresentando-se a Sé antes das obras de restauro. O selo de \$75 foi desenhado por Júlio Alves e representa a “Imagem de Santo António com o Menino Jesus, existente na Igreja de Santo António da Sé em Lisboa”. O selo de 1\$25 foi desenhado por Júlio Alves e representa a “Igreja de Santa Cruz de Coimbra, onde o Santo cursou os estudos superiores”.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA. Ver biografia na emissão comemorativa do 7º centenário do seu nascimento, em 1895.

Portugal

1931 – Emissão Comemorativa do 5º Centenário da morte de D. Nuno Álvares Pereira

Quando se estudou a anterior emissão antonina, logo se pensou em emitir seguidamente outra série, comemorativa do 5º centenário da morte do Condestável. O desenho e a gravura são de Arnaldo Lourenço Fragoso, inspirado no retrato de Nuno Alvares segundo a “Chronica do Condestabre”, Lisboa 1526, em gravura de madeira de autor desconhecido. A Casa da Moeda fez a impressão tipográfica sobre papel liso, e rugoso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5 e pondo a taxa em segunda impressão. Foram emitidos 1.500.000 selos de \$15 preto, 1.500.000 selos de \$25 verde, 4.000.000 de selos de \$40 laranja, 250.000 selos de \$75 carmim, 500.000 selos de 1\$25 azul e azul claro, e 250.000 selos de 4\$50 castanho e verde claro. Circularam de 1 de Novembro a 31 de Dezembro, mantendo-se a sua venda para fins filatélicos, até 29 de Fevereiro de 1932. Voltaram a circular em 1934/1935 até completo esgotamento, tendo sido retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



NUNO ALVARES PEREIRA. Nasceu em Sernache do Bomjardim a 24 de Junho de 1360, e era filho do Prior do Crato, D. Frei Álvaro Gonçalves Pereira, e de D. Iria Gonçalves Carvalhal. Com um ano de idade estava sob a protecção de D. Pedro I, e aos 3 anos, a rainha D. Leonor Teles tomou-o para seu escudeiro. Aos 16 anos casou-se com D. Leonor de Alvim, de quem teve dois filhos que morreram no berço, e uma filha, D. Beatriz de cujo parto faleceu sua mãe. Nuno Alvares sempre mostrou grande vocação para a carreira das armas, dando provas da maior valentia. Nomeado governador das armas do Alentejo, venceu os castelhanos na batalha dos Atoleiros em 1384, e conquistou algumas vilas. Nomeado Condestável do reino após a aclamação de D. João I, na qual muito lhe valeu, conquistou muitos castelos e vilas. Em 1385 torna-se o herói da célebre Batalha de Aljubarrota, e mais tarde, entrando por terras de Espanha vence a Batalha de Valverde. Em 1401 casou sua filha D. Beatriz Pereira Alvim com D. Afonso, filho natural do monarca, e que foi o primeiro Duque de Bragança. Em 1415 acompanhou o soberano a Ceuta, sendo esta a sua última campanha. Em 15 de Agosto de 1423, professou na Ordem Portuguesa Carmelita, onde tomou o nome de Frei Nuno de Santa Maria, recolhendo ao Convento do Carmo que havia fundado, por voto em Aljubarrota. Dedicou os últimos anos da sua vida a praticar o bem, tendo falecido a 1 de Novembro de 1431. Foi sepultado no seu Convento em campa rasa, tendo sido mais tarde trasladado para um rico túmulo de mármore, destruído no terramoto de 1755. Os seus restos mortais repousam hoje numa pequena urna de prata que se encontra no Convento do Carmo em Lisboa. Pelas suas sublimes virtudes, foi beatificado no ano de 1928, com o nome de Beato Nuno de Santa Maria

Portugal

1933/38 – Tipo “Lusíadas”

Em 1 de Junho de 1933, foram alterados os portes internacionais, pelo que houve necessidade de criar novas taxas e bem assim, mudar a cor do selo de 25 centavos verde, para azul, evitando a confusão com o novo selo de 30 centavos obrigatoriamente verde, segundo determinação da UPU. Foram emitidos 4.693.100 selos de \$25 azul, 7.161.500 selos de \$30 verde, 1.226.100 selos de \$95 carmim, 3.193.600 selos de 1\$60 azul escuro, e 11.598.200 selos de 1\$75 azul escuro. Postos em circulação respectivamente em Julho de 1934, Junho de 1933, Junho de 1933, Junho de 1933 e 23 de Março de 1938, foram retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



OS LUSÍADAS - Poema épico dos portugueses, de autoria de Luís de Camões, formado por dez Cantos. Os Cantos III, IV, VII e VIII “contém os sumários da história deste pequeno povo heroicamente aventureiro e muito namorado, em dicção que ora se precipita em andamento impetuosamente bélico, ora desliza sereno e vagaroso, ora denuncia exaltação lírica.” Os Cantos I, II, V, VI, IX e X “são dedicados à navegação do descobridor, desde o momento da sua entrada nos mares índicos”. A primeira edição de “Os Lusíadas” foi no ano de 1572 (duas edições), a segunda edição chamada “edição dos Piscos” foi no ano de 1584, a terceira no ano de 1597 e a quarta em 1609. (Ver biografia na emissão de 1924, comemorativa do IV Centenário do Nascimento de Luís de Camões).

Portugal

1933 – Selos de 1931 (D. Nuno Alvares Pereira) com sobretaxa

Para que se aproveitassem as enormes sobras, determinou a portaria de 27 de Julho de 1933, que os selos do 5º centenário da morte de D. Nuno Alvares Pereira fossem sobretaxados com as taxas mais necessárias. A sobretaxa a preto, foi tipografada na Casa da Moeda. Foram postos em circulação 1.145.500 selos de \$15 s/40 laranja, 516.300 selos de \$40 s/ 15 preto, 894.600 selos de \$40 s/ 25 verde, 151.200 selos de \$40 s/75 carmim, 245.600 selos de \$40 s/ 1\$25 azul e azul claro, e 159.500 selos de \$40 s/ 4\$50 castanho e verde-claro. Foram retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



NUNO ÁLVARES PEREIRA - Ver biografia na emissão de 1931, comemorativa do 5º Centenário da sua morte.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1933 – Selos de 1931 (Santo António) com sobretaxa

Para que se aproveitassem as enormes sobras, determinou a portaria de 27 de Julho de 1933, que os selos comemorativos do 7º centenário da morte de Santo António de Lisboa, fossem sobretaxados com as taxas mais necessárias. A sobretaxa a preto, foi tipografada pela Casa da Moeda. Foram postos em circulação 2.299.300 selos de \$15 s/ 40 bistre, 2.132.300 selos de \$40 s/ 15 lilás vermelho, 1.348.900 selos de \$40 s/25 verde, 322.400 selos de \$40 s/75 rosa, 362.000 selos de \$40 s/ 1\$25 azul cinzento, e 263.800 selos de \$40 s/4\$50 violeta. Foram retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



Portugal

1934 – Efigie de perfil do Presidente General Carmona

Para substituir os selos “Lusíadas” de desagradável aspecto, pensou-se numa emissão base com desenhos diferentes, representando monumentos e vultos célebres da História. Foram escolhidos os desenhos do Templo de Diana, Infante D. Henrique, Chefe do Estado, Sé Velha de Coimbra, Pedro Nunes e Torre dos Clérigos. Mais tarde foi abandonado este projecto, aproveitando-se no entanto alguns dos desenhos. A efigie do Chefe do Estado, General Carmona, foi tirada duma fotografia da época sendo o desenho e gravura de Arnaldo Fragoso. Tipografados pela Casa da Moeda em folhas de 100 selos de papel porcelana e papel liso, com denteado 11,5. Foram emitidos 34.930.600 selos de 40 centavos violeta. Retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA. Nasceu em Lisboa a 24 de Novembro de 1869, era filho do General Inácio Mariz de Moraes Carmona, e de D. Maria Inez Fragoso Carmona. Assentou praça aos 19 anos, matriculando-se na Escola do Exército. Concluiu brilhantemente o curso de cavalaria, e sendo promovido a alferes foi prestar serviço para Chaves, em 1894. Fez parte de várias comissões de estudos, e ascendendo rapidamente aos postos do exército, foi promovido a General em 1922. Escolhido para Promotor do Tribunal que julgou os implicados no morticínio de 19 de Outubro de 1921, evidenciou-se de forma notável. Pela maneira como desempenhou esta difícil missão, chamou sobre ele as atenções, sendo convidado para a Pasta da Guerra, no Governo de Ginestal Machado, até que, com a queda deste Governo, foi novamente para o seu comando em Évora. Nomeado para Promotor de Justiça junto do Tribunal Especial, criado para julgar os chefes do movimento de 18 de Abril de 1925, tornou-se memorável a sua atitude expressa na frase: “Se estes oficiais do Exército Português aqui estão, sabendo-os eu camaradas dos mais ilustres, é porque alguma coisa de grave os impeliu, como no cumprimento sagrado dum dever e revolta. Se eles se reuniram no Parque Eduardo VII em 18 de Abril e se juntos, unidos, aqui se encontram, assumindo a responsabilidade do seu acto, é porque a Pátria está doente...” Os acusados foram absolvidos, mas o General tendo desagradado ao Governo, foi afastado do comando. Após o movimento do 28 de Maio de 1926, foi convidado para o Governo, tomando conta da Pasta dos Estrangeiros. Mais tarde, quando do afastamento do General Gomes da Costa, foi-lhe confiada a Presidência do Ministério e a Pasta da Guerra, até que em 29 de Novembro de 1926 ficou com os cargos de Presidente do Ministério e de Chefe do Estado. Em 25 de Março de 1928, quando das eleições presidenciais, foi eleito Chefe Supremo da Nação, cargo que desempenhou com grande ponderação e tacto diplomático, não tomando qualquer iniciativa nos negócios públicos. Faleceu na sua casa de Lisboa, na manhã de 18 de Abril de 1951.

Portugal

1934 – Emissão Comemorativa da 1ª Exposição Colonial Portuguesa

Entusiasmados por um artigo do Coronel Jaime Ramalho, resolveram os CTT emitir uma série de selos-anúncios, para assim propagandear a grande Exposição Colonial a realizar no Porto. O desenho representando o busto de uma indígena das nossas Províncias Ultramarinas de África, é de autoria do artista Almada Negreiros, sendo a gravura de Arnaldo Fragoso. Impressos tipograficamente pela Casa da Moeda em folhas de 100 selos de papel liso, médio, com denteado 11,5. Foram emitidos 3 milhões de selos de 25 centavos sépia, 10 milhões de selos de 40 centavos vermelho e 1 milhão de selos de 1\$60 azul. Circularam até completo esgotamento, sendo retirados de curso em 1 de Outubro de 1945.



1ª EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA. Realizada na cidade do Porto, onde esteve patente ao público, de 19 de Junho a 30 de Setembro de 1934, com a representação das actividades mais importantes, das Províncias Ultramarinas de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1935 – Emissão Comemorativa da 1ª Exposição Filatélica Portuguesa

A pedido da Comissão Organizadora da 1ª Exposição Filatélica Portuguesa, trataram os CTT da emissão de um selo comemorativo (pensara-se em emitir uma série de três selos mas o tempo de que dispunham não era suficiente). A legenda foi desenhada por Almada Negreiros, sendo a gravura de Arnaldo Fragoso. A reprodução do selo de 5 reis de D. Maria II com efígie em relevo (primeiro selo de Portugal), foi preparado com a utilização do cunho existente na Casa da Moeda e que servira para as reimpressões de 1885 e 1905. A impressão foi feita tipograficamente na Casa da Moeda em folhas de 100 selas com denteada 11,5 sobre papel liso espesso. Foram emitidos 9.972.000 selos de 40 centavos vermelho. Circularam de 1 de Junho de 1935 a 30 de Setembro de 1945.



1ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA PORTUGUESA. Em Fevereiro de 1935, por iniciativa do notável coleccionador e comerciante, Luiz de Sá Nogueira, constituiu-se uma comissão destinada a levar a efeito a primeira exposição de selos, a realizar no nosso país. Presidida pelo Conde de Folgosa e composta por individualidades de destaque no meio filatélico, a Comissão Organizadora obteve o patrocínio da Comissão das Festas da Cidade, que incluiu a “Exposição” no programa dos festejos de Junho desse ano. Em 1 de Junho foi solenemente inaugurada por S. Ex.^a o Presidente da República General Carmona, nos salões da Câmara Municipal de Lisboa, onde se manteve aberta até ao dia 15 do mesmo mês.

Portugal

1935/1936 – Ruínas do Templo de Diana

Aproveitando os desenhos aprovados para a emissão cujo projecto foi abandonado em 1934, e do qual já havia sido igualmente aproveitado o desenho com a efígie do Chefe do Estado, foi emitida uma série de três selos, representando as ruínas do Templo de Diana. O desenho e a gravura são do artista Guilherme Augusto dos Santos, sendo a impressão tipográfica feita na Casa da Moeda, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5x12. Foram postos em circulação 39.013.000 selos de \$04 preto, 85.961.300 selos de \$05 azul, e 14.451.900 selos de \$06 chocolate, a partir de 22 de Junho de 1935 as taxas de 4 e 5 centavos, e a partir de 1 de Janeiro de 1936 a taxa de 6 centavos. Retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



TEMPLO DE DIANA. Templo Romano na cidade de Évora, cuja fundação datada de 75 Antes de Cristo, se atribui a Quinto Sertório. As suas ruínas constituem uma das mais notáveis antiguidades da Península, consideradas como únicas no seu género, por serem duma obra da arte greco-latina, das mais majestosas, dos vários templos pagãos, de construção romana de que há vestígios. É elegantíssimo! Sobre o soco ou cornija, ergue-se a colonata completa na face norte. A face oriental tem quatro colunas completas, fora a angular. Na ocidental, restam duas completas, duas sem capitel e apenas a base da quinta. Sobre as colunas completas, de granito estriado, com as bases e capitéis coríntios, de mármore branco, assenta ainda parte da arquitrave. Parece que a sua parcial destruição se deve atribuir à acção de feroz zelo religioso, movida contra um templo pagão, e não por causas naturais. É curioso notar, que até ao ano de 1870, estiveram as ruínas do Templo encobertas por muralhas que lhe davam o aspecto duma fortificação ameaçada.

Portugal

1935 – Infante Dom Henrique

Aproveitando os desenhos aprovados para a emissão cujo projecto foi abandonado em 1934, e do qual já haviam igualmente aproveitado os desenhos do Chefe do Estado e das Ruínas do Templo de Diana, emitiram uma série de dois selos com o desenho “Infante Dom Henrique” que Arnaldo Lourenço Fragoso fizera, sobre uma gravura da 1ª edição da “Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné pelos Portugueses”, de Gomes Eanes de Zurara. A gravura é igualmente de Arnaldo Lourenço Fragoso e a impressão tipográfica feita na Casa da Moeda em folhas de 100 selos de papel liso com denteado 11,5. Foram emitidos 24.241.400 selos de 10 centavos verde azul, e 84.000.000 de selos de 15 centavos castanho vermelho. Postos em circulação respectivamente em Novembro de 1935 e 5 de Junho de 1935 foram retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



INFANTE D. HENRIQUE – “O Navegador” dedicou toda a sua vida, enormes conhecimentos e fortuna, à arte de navegar, fundando em Sagres o primeiro observatório astronómico e as escolas de matemática, náutica, geografia, astronomia, cosmografia e comércio, e preparando e armando as frotas que haviam de dar “novos mundos ao mundo”. A Casa Senhoria do Infante D. Henrique constituiu entre 1433 e 1460 a maior força económico-social do reino, compondo-se do Mestrado da Ordem de Cristo, Ducado de Viseu, Senhorio da Covilhã, Isenção do quinto das presas devido à coroa, Cabo de Trásfalmemar, Vila de Gouveia, Senhorio jurisdição e tributos de Lagos e Alvor, Berlengas e Baleal junto da Atouguia, Exclusivo da pesca do atum nas costas do Algarve, Monopólio do fabrico e venda do sabão, Porto-Santo, Madeira e Deserta, Monopólio do comércio da costa de África do Cabo Cantim ao Bojador ou o quinto do que com sua autorização outros realizassem, o mesmo relativo ao comércio para o Sul do Bojador, Açores, Santiago, a dizima nova das pescarias no mar de Montegordo, além de outras igualmente numerosas fontes de receita. (Ver biografia na emissão de 1894, comemorativa do V Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique).

Portugal

1935/41 – Selos tipo “Estado Novo” com legenda “Tudo Pela Nação”

Tendo-se emitido postais com um novo desenho (Estado Novo – com legenda Tudo Pela Nação), e sendo normal o selo representado no postal ser cópia dos selos em circulação, resolveram emitir uma série de selos do mesmo tipo. Desenho alegórico de Almada Negreiros, simbolizando os valores e forças da Nação unidos num movimento único para o ressurgimento da Pátria, e gravura de Arnaldo Fragoso. A impressão tipográfica pela Casa da Moeda sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 30.172.800 selos de \$25 azul, 241.503.200 selos de \$40 castanho, 7.657.700 selos de 1\$00 carmim, 354.600 selos de 10\$00 ardósia, e 355.000 selos de 20\$00 verde-azulado. Postos em circulação respectivamente em 29 de Agosto de 1935, 26 de Dezembro de 1935, 20 de Novembro de 1935, Abril de 1941 e Abril de 1941, foram retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



NAÇÃO - Conjunto de cidadãos de um Estado que vivem sujeitos a um governo comum e ligados por interesses e leis igualmente comuns. É fundada numa história de afinidade de espírito e instituições, como mentalidade, educação, estilo de vida e de relações sociais, e num sentido de destino comum. “Nações de muita gente estranha e fera” escreve Luís de Camões em “Os Lusíadas”, IV, 69. Igualmente se designa, por “Nação”, como de grande família, a comunidade de indivíduos unida por identidades de origem, costumes ou religião, independentemente da sua bandeira política, e assim encontramos a “Nação Católica”, a “Nação Judaica”, a “Nação Maometana”, etc... “Tudo Pela Nação, Nada Contra a Nação” frase do final de um discurso pronunciado pelo Presidente do Conselho Doutor Oliveira Salazar.

Portugal

1935 – Sé de Coimbra

Num último aproveitamento dos desenhos aprovados para a emissão, cujo projecto fora abandonado em 1934 e do qual já haviam igualmente aproveitado, os desenhos Chefe do Estado, Ruínas do Templo de Diana, e Infante D. Henrique, foi emitido o selo “Sé de Coimbra”, necessário para o porte das cartas internacionais cujo valor havia sido elevado. Gravura do Instituto de Gravura de Paris, impressão tipográfica da Casa da Moeda, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 12x11,5. Foram emitidos 8 milhões de selos de 1\$75 azul. Retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



SÉ VELHA DE COIMBRA. É um dos mais antigos e curiosos monumentos religiosos de Portugal. Templo que a maior parte dos historiadores diz ter sido fundado pelos godos, no século VI ou VII, o que parece confirmado pela sua arquitectura, que é gótica, embora em forma de castelo e com ameias. Alguns autores modernos, porém, atribuem a sua fundação a D. Afonso Henriques, sendo contudo mais provável que este monarca apenas o reedificasse e ampliasse, pois parece estar provado que este venerando edifício já existia como templo cristão em 716. Querem uns que fosse edificado por Atacas ou no seu tempo. Dizem outros, que aos godos se deve a sua edificação, e que quando da conquista árabe, os mouros o aproveitaram para mesquita. Fernando Magno, ao tomar Coimbra em 1064, mandou-o purificar e benzer, armando aí cavaleiros os novecentos bravos que mais se haviam distinguido durante o cerco, que se prolongara sete meses, sendo o principal destes cavaleiros, o CID, Rui Dias de Bivar. De tudo isto se concluiu que a Sé Velha é um templo romântico-medieval, coevo da monarquia. Sofreu várias violações mas foi mais tarde reconstituído pouco a pouco e restituído à primitiva forma. Encerra algumas obras de valor, como a tribuna do altar-mor que é notável pelo trabalho de talha. Existem também os túmulos de S. Sizenando, célebre Governador de Coimbra, de D. Bataça, dama da rainha Santa Isabel, e de D. Jorge de Almeida a quem se devem os pórticos laterais, que são notáveis.

Portugal

1937 – Emissão Comemorativa do 1º Centenário da Fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto

Desenho alegórico de Álvaro Duarte de Almeida, que ao querer representar o caduceu (vara delgada e lisa, terminada em duas asas e rodeada por duas serpentes), emblema da medicina, mais representou o emblema de farmácia (cobra enrolada no pé duma taça). Impressos na Imprensa Nacional de Lisboa pelo processo zincogravado sobre papel liso, em folhas de 100 selos. A gomagem e o denteado 11,5 foram feitos na Casa da Moeda. Emitidos 4.050.000 selos de 25 centavos azul claro. Circularam de 24 de Julho de 1937 a 1 de Outubro de 1945.



ESCOLAS MEDICO-CIRURGICAS DE LISBOA E PORTO. No Porto, o ensino cirúrgico vinha do velho Hospital de D. Lopo (Misericórdia) fundado em 1605 e continuou-se no Hospital de Santo António que o substituiu em 1770, e onde em reduzidas dependências se instalara uma Escola de Cirurgia, antecessora da Escola Régia de Cirurgia fundada em 1825. Por decreto de 29 de Dezembro de 1836, deu Passos Manuel, nova organização às Escolas de Cirurgia de Lisboa e Porto que passariam a denominar-se Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, e mais tarde, Faculdade de Medicina da nova Universidade do Porto (1911). Em Lisboa, sucedera ao curso referido, a Escola Régia de Cirurgia (Hospital de S. José), criada naquele ano de 1825, juntamente com a do Porto, hoje também Faculdade de Medicina, como fora Escola Médico-Cirúrgica (1911 e 1836). Nasceram a par, as duas Escolas, lisboense e portuense por iniciativa de Teodoro Ferreira de Aguiar, cirurgião-mor. A criação destas Escolas, foi um passo enorme na evolução da Cirurgia e da Anatomia em Portugal.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1937 – Emissão Comemorativa do IV Centenário da Morte de Gil Vicente

Por sugestão do director da revista vimarenense “Gil Vicente”, foi estudada a emissão comemorativa, sendo o desenho de autoria da artista Raquel Roque Gameiro Ottolini, que cometeu o erro da legenda “Gil Vicente no Auto do Vaqueiro” quando não existe nenhum Auto do Vaqueiro, mas sim Auto da Visitação, do qual faz parte o Monólogo do Vaqueiro. A gravura é de Arnaldo Fragoso, e a impressão tipográfica da Casa da Moeda, foi feita sobre papel porcelana, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 21.110.000 selos de \$40 castanho e 10.364.000 selos de 1\$00 carmim. Circularam a partir de 29 de Julho/37 a taxa de \$40 e 20 de Agosto/37 a taxa de 1\$00 tendo sido retirados de circulação em 1 de Outubro de 1945.



GIL VICENTE. Comediógrafo e lírico, um dos máximos escritores de Portugal, nasceu talvez em Guimarães, cerca a 1465 e morreu talvez em fins de 1536 ou princípios de 1537. O conhecimento que nas suas obras ele revela da linguagem, dos costumes, das superstições do povo, tem levado eruditos a julgarem-no nascido de gente popular. Nada de seguro se sabe acerca das pessoas que o instruíram, dos estudos que fez! É muito debatido o problema da sua biografia, não estando apurado se Gil Vicente trovador, era ou não o mesmo que Gil Vicente ourives, autor de inúmeras obras de arte das quais se destaca a célebre “Custódia de Gil Vicente” lavrada com o ouro das primeiras páreas pagas pelo Rei de Quíloa, e doada por D. Manuel, em testamento, ao Mosteiro de Santa Maria de Belém. O período da sua actividade teatral, decorre entre 1502 e 1536. Apresentou a sua primeira obra, na noite de 7 para 8 de Junho de 1502, no Paço da Alcáçova e na câmara da rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel e terceira filha dos reis católicos de Espanha que ás duas horas da madrugada do dia 6 dera à luz o príncipe D. João (futuro D. João III). Chamava-se a obra, “Auto da Visitação”, em que depois do autor representar o «Monólogo do Vaqueiro» apareciam trinta porqueiros e vaqueiros com ovos, leite, queijos e mel, para o Príncipe recém-nascido. Escreveu Gil Vicente dezenas de obras, entre Autos, Trágico-comédias, Farsas, etc.. O Index publicado em Lisboa, em Julho de 1551 pelo Cardeal-Infante Dom Henrique, proíbe sete destas peças

Portugal

1938 – Emissão Comemorativa do Congresso Internacional do Vinho e da Uva

Criada esta emissão a pedido do Presidente da Comissão Executiva do 5º Congresso Internacional da Vinha e do Vinho. Desenho alegórico de José da Rocha Pereira, e gravura de Gustavo de Almeida Araújo. Impressos tipograficamente na Casa da Moeda utilizando papel liso em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 1.608.800 selos de \$15 violeta, 533.000 selos de \$25 castanho, 5.345.000 selos de \$40 lilás rosa, e 537.200 selos de 1\$75 azul escuro. Postos em circulação, respectivamente em 8 de Novembro, 27 de Outubro, 24 de Outubro e 11 de Novembro de 1938, tendo sido retirados em 1 de Outubro de 1945.



5º CONGRESSO INTERNACIONAL DA VINHA E DO VINHO. Foi realizado em Lisboa, de 15 a 23 de Outubro de 1938. O desenho representa uma videira no meio de um cacho de uvas. Muito condenado foi este desenho pela crítica da época, não só por omitir qualquer referencia ao Congresso que comemorava, como ainda por as uvas mais parecerem ovos ou amêndoas da Páscoa.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1940 – Emissão “Legião Portuguesa”

Propôs o Administrador Geral dos CTT em 1937, um selo especial de homenagem e propaganda à Mocidade Portuguesa, proposta com que o Ministro concordou, manifestando o desejo de que outro selo fosse dedicado à Legião Portuguesa. Executados os respectivos desenhos, estiveram estes parados na Junta Nacional de Educação até 1939, data em que aprovado o desenho “Legião” de autoria de António Lima, rejeitaram o desenho “Mocidade”. A gravura “Legião” é de Gustavo Almeida Araújo e a impressão tipográfica feita na Casa da Moeda sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 3.200.000 selos de \$05 amarelo ocre, 2.000.000 de selos de \$10 violeta, 6.000.000 de selos de \$15 azul claro, 2.000.000 de selos de \$25 castanho, 20.000.000 de selos de \$40 verde, 800.000 selos de \$80 verde amarelo, 800.000 selos de 1\$00 carmim, e 1.400.000 selos de 1\$75 azul. Circularam de 27 de Janeiro de 1940 a 1 de Outubro de 1945.



LEGIÃO PORTUGUESA. Formação patriótica de voluntários, nascida espontaneamente do instinto colectivo de defesa contra os inimigos da Pátria e da Ordem Social, dentro do ambiente e da mística criados pelo Estado Novo. Reconhecida e disciplinada por decreto de 30 de Setembro de 1936, destina-se essencialmente a preparar a resistência moral do país, integrando-a no conceito da Nação Armada. Contava em Março de 1938 com um efectivo de 70.000 homens de todas as camadas sociais. Promove a Legião Portuguesa, a educação e a mentalização nacionalista e cristã dos filiados, segundo a mais ampla concepção da trilogia: Deus, Pátria e Família. A par desta tarefa cultural e espiritual dedica-se igualmente à assistência, previdência e enfermagem, com a colaboração das “Organizações Legionárias Femininas”.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1940 – Emissão Comemorativa dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal

A primeira ideia para emitir selos, comemorando o Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, data de 1926, quando então se pensava emitir uma série anual até 1941. Tendo estas séries terminado com a série Independência de 1928, começou-se a pensar em 1938 na emissão da presente série. Em 1939 foi traçado o plano da emissão que foi dividida por quatro desenhos representando «Fundação» «Descobrimientos» «Restauração» «Exposição». As oito taxas foram repartidas pelos quatro desenhos aprovados. Circularam de Junho de 1940 a Setembro de 1945.

EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS. Realizada em Lisboa (Belém), de 23 de Junho a 2 de Dezembro de 1940, e em que todas as Províncias Ultramarinas Portuguesas estavam representadas não só pelos indígenas nos seus ambientes, como se pedaços das longínquas terras tivessem sido transportados para Lisboa, como ainda por diversas espécies das respectivas faunas e floras. Estavam igualmente patentes, todas as actividades mais representativas de cada uma das Províncias Portuguesas. Desenho de Jaime Martins Barata, inspirado na maquete do Recinto da Exposição. Gravura a talhe doce de José Armando Pedroso e Renato Araújo. Impressos no Banco de Portugal, sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 50 selos com denteado 12x11,5. Foram emitidos 5,5 milhões de selos de \$10 lilás vermelho, e 2,5 milhões de selos de \$80 violeta cinzento.



ESTATUA EQUESTRE DE DOM JOÃO IV. (Ver biografia de Dom João IV, 1ª série da Independência 1926). Desenho de Henrique Franco, inspirado na estátua equestre que é obra do escultor Francisco Franco. Gravura a talhe doce de Renato Araújo. Impressos no Banco de Portugal sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 10,5 milhões de selos de \$15 azul esverdeado, e 1,2 milhões de selos de \$35 verde amarelo.



Portugal

1940 – Centenários da Fundação e Restauração de Portugal

MONUMENTO PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS PORTUGUESES. Erigido no Terreiro da Bôa Esperança em Belém (Lisboa), segundo o projecto do architecto Cottinelli Telmo. Estão representados neste belo monumento, além do infante Dom Henrique na “proa”, vários descobridores e navegadores, artistas, poetas (Camões), e outros vultos da nossa História, como a Rainha D. Filipe de Lencastre, etc..

Desenho de Maria Pires Keil do Amaral, inspirado numa fotografia do trabalho de Cottinelli Telmo, e gravura a talhe doce, de José Armando Pedroso. Impressos no Banco de Portugal sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 4,2 milhões de selos de \$25 verde azeitona, e 1,6 milhões de selos de 1\$00 encarnado.



ESTATUA DE DOM AFONSO HENRIQUES e CASTELO DE GUIMARÃES. (Ver biografia em 1926 e descrição em 1927, séries independência). Desenho de Alberto de Sousa, inspirado numa fotografia da Estatua do Fundador, existente em Guimarães e que é obra do artista Soares dos Reis, e noutra fotografia do Castelo de Guimarães. Gravura a talhe doce, de José Armando Pedroso. Impressos no Banco de Portugal sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 34,5 milhões de selos de \$40 castanho, e 2,4 milhões de selos de 1\$75 azul claro.



Portugal

1940 – Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Selo Postal

A ideia desta emissão foi dada pela firma “Garland, Laidley & Cª Ltd”, de Lisboa, que como representante da casa Waterlow & Sons, se ofereceu em Junho de 1939, para imprimir os selos “que provavelmente serão emitidos por essa Administração Geral”. O desenho de autoria do artista Pedro Guedes, foi inspirado num retrato extraída da biografia escrita pelo próprio filho de Sir Rowland Hill e que já havia sido publicado noutros trabalhos. Gravura de Arnaldo Fragoso. Impressos tipograficamente pela Casa da Moeda, sobre papel liso, médio ou fino, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 6 milhões de selos de \$15 castanho, 2 milhões de selos de \$25 encarnado tijolo, 800 mil selos de \$35 verde, 20 milhões de selos de \$40 violeta escuro, 800 mil selos de \$50 verde azulado, 800 mil selos de \$80 azul primário, 800 mil selos de 1\$00 vermelho, e 1,4 milhões de selos de 1\$75 azul escuro. Circularam de 12 de Agosto de 1940 a 30 de Setembro de 1945.



SIR ROWLAND HILL - Nasceu em Kidderminster na Inglaterra, a 3 de Dezembro de 1795. Pedagogo e mecânico de profissão, celebrou-se pela introdução do selo postal adesivo, na Inglaterra, tendo também esboçado o desenho do primeiro selo que circulou no Mundo (1 penny preto e 2 pence azul, depois desenhados por H. Corbould e gravados por Heath), 6 de Maio de 1840. Em 1834 já haviam sido apresentadas etiquetas gomadas e de diversos valores, invenção de James Chalmers, tipógrafo de Dundee, mas a Câmara dos Comuns não aceitou a folha de selos de Chalmers, rejeitando a ideia. Rowland Hill foi nomeado director dos correios, cargo que ocupou durante dois anos. Em 1860 recebeu o título de “Sir”. Quando resignou a posição de Secretário Chefe dos Correios, devido á sua saúde em 1864, recebeu pelo Parlamento, uma retribuição de 20.000 libras e foi-lhe mantido o ordenado de 2.000 libras anuais. Nesse mesmo ano, a Universidade de Oxford conferiu-lhe o grau de “Doctor of Civil Law”. Em 6 de Junho de 1879, o município de Londres decretou-o cidadão honorário da cidade. Faleceu em Hampstead em 27 de Agosto de 1879, sendo sepultado na Abadia de Westminster. Em 1882 erigiram-lhe um monumento em Londres.

Portugal

1941 – Emissão “Costumes Portugueses”

Por iniciativa do Administrador Geral dos Correios, Engenheiro Couto dos Santos, iniciaram-se os trabalhos para a série em que seriam apresentados os pitorescos e tradicionais costumes, e trajos populares. Embora já tivessem sido aprovados dez desenhos, e as respectivas gravuras concluídas, foram as provas recusadas pela Junta Nacional de Educação, o que fez parar a emissão. Tendo mais tarde os C.T.T. protestado, invocando o prejuízo com as despesas já efectuadas, foram autorizados, a fazer a emissão com os dez desenhos concluídos. Impressos tipograficamente pela Casa de Moeda, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5.

Foram emitidos: 2 milhões de selos de \$04 verde escuro, representando a MULHER DA NAZARÉ, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Guilherme Santos; 3,2 milhões de selos de \$05 castanho vermelho, representando a TRICANA DE COIMBRA, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Gustavo de Almeida Araújo; 2 milhões de selos de \$10 lilás violeta, representando o SALOIO dos arredores de Lisboa, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Renato Araújo; 6 milhões de selos de \$15 verde amarelo, representando a PEIXEIRA DE LISBOA, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Marcelino Norte.



Foram emitidos: 2 milhões de selos de \$25 lilás violeta, representando a MULHER DE OLHÃO, em desenho de Álvaro Duarte de Almeida e gravura de Gustavo de Almeida Araújo; 20 milhões de selos de \$40 verde claro, representando a MULHER DE AVEIRO, em desenho de Álvaro Duarte de Almeida e gravura de Guilherme Santos; 800 mil selos de \$80 azul claro, representando a MULHER DA MADEIRA, em desenho de A. Duarte de Almeida e gravura de Arnaldo Fragoso; 800 mil selos de 1\$00 vermelho, representando a VIANESA, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Arnaldo Fragoso.



Foram emitidos: 1,4 milhões de selos de 1\$75 azul escuro, representando o CAMPINO DO RIBATEJO, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Arnaldo Fragoso; 300 mil selos de 2\$00 laranja, representando a CEIFEIRA DO ALENTEJO, em desenho de Raquel Roque Gameiro e gravura de Guilherme Santos.



Portugal

1943 – Tipo “Caravela”

No ano de 1939 foi proposta pelo Sub-Secretário de Estado das Comunicações, uma nova emissão de selos-base cuja falta se estava fazendo sentir, desde o abandono da repudiada série “Lusíadas”. O desenho deveria ser dum motivo simbólico, sugerindo aquele Membro do Governo: O Escudo de Portugal, a Bandeira da Mocidade Portuguesa, uma Caravela. O artista Martins Barata fez os esboços destes três temas, tendo sido escolhido o desenho CARAVELA, em Agosto de 1940. Estudados os valores e as respectivas cores, foram encomendados á Casa da Moeda em 1941, que apresentou as primeiras provas em Fevereiro de 1942. Em Março e Abril de 1943 foram emitidos 63.272.600 selos de \$05 preto, 197.178.700 selas de \$10 castanho vermelho, 12.327.700 selos de \$15 ardósia, 137.992.900 selos de \$20 violeta, 52.380.100 selos de \$30 castanho, 11.412.300 selos de \$35 verde, 539.664.000 selos de \$50 lilás vermelho, 27.026.700 selos de 1\$00 carmim, 10.465.900 selos de 1\$75 azul escuro, 14.652.900 selos de 2\$00 violeta castanha, 37.313.900 selos de 2\$50 vermelho, 5.755.700 selos de 3\$50 azul, 13.115.900 selos de 5\$00 castanha laranja, 3.497.000 selos de 10\$00 cinzento, 534.000 selos de 15\$00 verde, 1.579.900 selos de 20\$00 sépia, e 933.400 selos de 50\$00 salmão. Retirados de circulação em 1 de Novembro de 1957.



Portugal

1943 – Emissão Comemorativa 1º Congresso de Ciências Agrárias

A secretaria de Congresso de Ciências agrárias pediu aos CTT que emitissem um selo comemorativo do mesmo, sugerindo que o desenho fosse o do “Timbre Oficial do Congresso”. Satisfeito este pedido, foi o trabalho entregue ao desenhador Álvaro Duarte de Almeida, que copiou o “Timbre Oficial” que havia sido desenhado por Mário Costa. Impressão em fotocalcogravura pela Casa da Moeda, sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 4 milhões de selos do \$10 azul, e 10 milhões de selos de \$50 vermelho. Circularam de 1 de Outubro de 1943 a 1 de Abril de 1948.



CIÊNCIAS AGRÁRIAS - A agricultura é a ciência do cultivo e fertilização da terra, no sentido do melhor aproveitamento de bens primários destinados à alimentação do homem. Esta ciência poderá dividir-se em teoria agrícola geral (trabalhos agrícolas, regras, adubação e máquinas de cultivo), agrologia ou estudo dos terrenos (composição química, consistência, transformações, etc.), filotecnia (cultura geral, sequeiro, regadio, arboricultura, silvicultura, horticultura, jardinagem, estudo particular das plantas cultivadas), plantas alimentícias (cereais, legumes, raízes, rizomas e tubérculos, hortaliças, fruteiras, forragens), plantas industriais (oleaginosas, sacarinas, têxteis, tintureiras, para curtimento de peles), plantas medicinais (papoula sonífera, melissa, etc.), plantas para fins industriais (bebidas alcoólicas, produtos de consumo, madeiras, lenhas, cortiça, resina, etc.), plantas de jardim e adorno (arbustos e plantas cultivadas pela sua beleza), zootecnia (animais domésticos em geral, atendendo às raças e enfermidades, gados, animais de capoeira e outros igualmente úteis), indústria agrícola (vinho, azeite, queijos, manteiga, carvão, etc.), economia agrícola (sistemas de exploração tendo em vista a sua rentabilidade, arrendamentos, parçarias, comércio e contabilidade agrícolas).

Portugal

1944 – Emissão Comemorativa da 3ª Exposição Filatélica Portuguesa

Desenho de Alberto de Sousa, representando um postilhão, e no canto superior direito o Escudo de Portugal. A gravura é de autoria de Arnaldo Fragoso, e a série formada por quatro valores, foi impressa tipograficamente na Casa da Moeda, sobre papel liso, médio ou espesso em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$10 castanho, 10 milhões de selos de \$50 violeta, 1,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, e 1,5 milhões de selos de 1\$75 azul. Circularam de 20 de Maio de 1944 a 1 de Abril de 1948.



POSTILHÃO - Desde que o homem passou a escrever em objectos móveis e facilmente transportáveis, que se venceu a necessidade do transporte de notícias entre diferentes localidades! Os faraós egípcios enviavam os seus "mensageiros" com as leis que deveriam chegar aos diferentes pontos do país. Os persas deram grande desenvolvimento ao que nos nossos dias chamamos "correio", contando-se que Xerxes enviou a Susa a notícia da derrota de Salamina, servindo-se de homens e cavalos que mantinha pelo caminho em pontos equidistantes como "estafetas". Os romanos mantinham uma organização para o serviço regular de correio "Cursus Publicus". Em Portugal, os senhores atribuíam aos seus vassallos a incumbência de transportar as mensagens, até que em 1520 D. Manuel mandou passar carta de "Correio-Mor" a Luís Homem, cavaleiro da sua Casa, ficando então definido o correio público que durante muitos anos continuou a utilizar o cavaleiro (postilhão) que na sua montada ou guiando a "mala-posta" levava o correio à localidade de destino.

3ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA PORTUGUESA (EXFIPO) - Realizada na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, de 20 a 30 de Maio de 1944, e em que estiveram expostas as melhores colecções nacionais; além da série comemorativa, foi igualmente emitido um bloco contendo os mesmos quatro selos e a Sociedade de Geografia sobrecarregou dois selos como vinhetas comemorativas.

Portugal

1944 – Emissão Comemorativa do 2º Centenário do Nascimento de Avelar Brotero

Desenhos de Martins Barata, reproduzindo o retrato do ilustre cientista, e a estátua do mesmo, existente no Jardim Botânico de Coimbra. A gravura dos selos de \$10 e 1\$75 é de autoria de Gustavo de Almeida Araújo, e a gravura dos selos de \$50 e 1\$00 é de autoria de Marcelino Norte. Tipografados na Casa da Moeda sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$10 castanho, 10 milhões de selos de \$50 verde, 1,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, e 1,5 milhões de selos de 1\$75 azul. Postos em circulação em 23 de Novembro de 1944, foram retirados em 1 de Abril de 1948.



FELIX AVELAR BROTERO - Nasceu em Santo Antão do Tojal, a 25 de Novembro de 1744, e era filho de José da Silva Pereira e Avelar, médico pela Universidade de Coimbra. Tendo ficado órfão de pai aos dois anos, foi entregue aos cuidados da avó paterna, por sua mãe ter perdido a razão. Aos 19 anos valeu-se da arte do canto, para conseguir meios de subsistência, arranjando um lugar de capelão na Patriarcal de Lisboa. Aperfeiçoando-se na língua grega e com conhecimentos de Direito Canónico, foi fazer os seus exames à Universidade de Coimbra, não terminando a curso por ter saído a reforma que proibia os exames, sem a respectiva frequência. Por motivos de ordem política, emigrou para França, onde em Paris frequentou assiduamente os Institutos de Ciências Naturais, ao mesmo tempo que conseguia alguns fundos, por trabalhos originais e traduções que vendia. Doutorou-se na Escola de Medicina de Reims, mas dedicou-se exclusivamente à Botânica, depois de verificar que o contacto com doentes, lhe era doloroso e assim não poderia exercer clínica. Regressou a Lisboa em 1790, sendo nomeado Lente de Botânica e Agricultura na Universidade de Coimbra, mercê da reputação que já ganhara. Em 1811 foi nomeado por D. João VI, Director do "Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda", e em 1820 foi eleito deputado às Cortes Constituintes, pela Província da Estremadura. Foi autor de várias obras sobre Botânica e Agricultura. Faleceu a 4 de Agosto de 1828 no sítio de Arcolena, Belém. No Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foi inaugurada a 30 de Março de 1887, uma bela estátua de mármore de Carrara, de autoria do artista Soares dos Reis.

Portugal

1945 – Emissão “Navegadores Portugueses”

Desenhos de Martins Barata, e gravuras a talhe doce de E. Dawson (\$10 \$30 \$35 e 1\$00), Maxime Ferré (\$50 e 2\$00), e Robert Godbehear (1\$75 e 3\$50). Impressos por Bradbury, Wilkinson & C^a Ltd, de Londres, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$10 castanho vermelho, 1,5 milhões de selos de \$30 amarelo bistré, 1 milhão de selos de \$35 verde, 10 milhões de selos de \$50 verde azeitona, 1,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho laranja, 1,5 milhões de selos de 1\$75 azul, 1 milhão de selos de 2\$00 preto cinzento, e 1 milhão de selos de 3\$50 carmim. Postos em circulação a 29 de Julho de 1945, foram retirados em 9 de Agosto de 1950.



GIL EANNES - Natural de Lagos, dobrou o Cabo Bojador em 1434, seguindo até à Angra dos Ruivos. JOÃO GONÇALVES ZARCO - Fidalgo Cavaleiro da Casa do Infante D. Henrique, descobriu em 1418 a Ilha de Porto Santo, e em 1419 em companhia doutros dois navegadores descobriu a Ilha da Madeira. BARTOLOMEU DIAS - Descobriu em 1486 a Angra dos Ilhéus (Baía de Spencer), e o Cabo das Voltas. Em 1487 dobrou o terrível Cabo das Tormentas (Cabo da Boa Esperança), onde em segunda viagem naufragou perdendo a vida (1500). VASCO DA GAMA - Natural de Sines, descobriu o caminho marítimo para a Índia em 1498 (ver descrição em 1898, emissão comemorativa do 4^o centenário do descobrimento).



PEDRO ALVARES CABRAL - Senhor de Belmonte, descobridor do Brasil em 1500 e capitão da armada que fez a segunda viagem á Índia, como embaixada. FERNÃO DE MAGALHÃES - Natural de Vila de Sabrosa. Ao serviço do Rei de Espanha, fez a primeira viagem de circum-navegação do globo com início em 1519, tendo sido morto quase no final da sua memorável viagem, pelo gentio das Ilhas de S. Lázaro (Filipinas) em 1520. FREY GONÇALO VELHO - (Gonçalo Velho Cabral) - Um dos companheiros do Infante Dom Henrique em Sagres, e comendador da Ordem de Cristo. Nos anos de 1431/1433 descobriu as primeiras ilhas do Arquipélago dos Açores, Baixos das Formigas, Santa Maria (primeiramente chamada Gonçalo Velho), e São Miguel. DIOGO CÃO - Escudeiro e Cavaleiro da Casa do Infante Dom Henrique. Em 1482 descobre o Rio Zaire ou Congo, e em 1484 na sua segunda viagem a África, chega até Benguela, Mossâmedes, Cabo de Santa Maria, Cabo Negro, e Cabo da Serra (Cabo da Cruz).

Portugal

1945 – Efigie do Presidente General Carmona

Heliogravados por Courvoisier S. A. da Suíça, sobre papel porcelana entremeado de fios de seda azuis e vermelhos, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$10 violeta, 1,5 milhões de selos de \$30 castanho vermelho, 1 milhão de selos de \$35 verde escuro, 10 milhões de selos de \$50 verde oliva escuro, 1,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho castanho, 1,5 milhões de selos de 1\$75 azul escuro, 1 milhão de selos de 2\$00 castanho vermelho escuro, e 1 milhão de selos de 3\$50 verde ardósia. Postos em circulação em 12 de Novembro de 1945, foram retirados em 7 de Agosto de 1950.



PRESIDENTE GENERAL OSCAR DE FRAGOSO CARMONA – (Ver biografia na emissão de 1934)

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1945 – Emissão Comemorativa do 1º- Centenário da Escola Naval

Desenho de Martins Barata, representando o Emblema da Escola Naval, e gravura de Gustavo Almeida Araújo. Tipografados pela Casa da Moeda sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 2 milhões de selos de \$10 castanho, 4 milhões de selos de \$50 verde escuro, 1 milhão de selos de 1\$00 vermelho e 1 milhão de selos de 1\$75 azul escuro. Postos em circulação em 27 de Dezembro de 1945, foram retirados em 9 de Agosto de 1950.



ESCOLA NAVAL - Na Escola de Sagres, primeira dedicada a problemas náuticos, não se ministrava instrução aos futuros tripulantes da armada, mas antes se estudavam os problemas relacionados com cartas geográficas, astrologia e astronomia, lançando os fundamentos para uma nova ciência “A Navegação no Mar”. Onde primeiramente se deu instrução náutica, foi na aula do Cosmógrafo-Mor do Reino, em 1641 no reinado de D. João IV. Em 1761 criou o Conde de Oeiras a “Companhia dos Guardas-Marinha”, primeira instituição criada com o propósito de preparar e nelas serem recrutados, os futuros oficiais de marinha. Em 1774 o Marquês de Pombal extinguiu esta Companhia, determinando que os guardas-marinha fossem preparados a bordo dos navios. Em 1779 o Ministro de Marinha Martins de Melo, criou em Lisboa a “Academia Real da Marinha” que em 1796 se passou a chamar “Academia Real dos Guardas-Marinha”, e restaurou a “Companhia dos Guardas-Marinha”. Por Carta de Lei de 23 de Abril de 1845, assinada pelo Ministro José Falcão, foi extinta a “Academia Real dos Guardas-Marinha” e criada em sua substituição a “ESCOLA NAVAL”, que preparou os oficiais das marinhas de guerra e mercante até 1924, data de criação da “Escola Náutica” destinada a preparar os oficiais da marinha mercante. Em 1936 a “Escola Naval” mudou as suas instalações junto do antigo Arsenal da Marinha, para os novos edifícios do Alfeite.

Portugal

1946 – Emissão “Castelos de Portugal”

Desenhos de Cottinelli Telmo em fonte directa das fortalezas, e gravuras a talhe doce de Karl Bickel. Impressos por Courvoisier S. A. (Suíça) sobre papel liso, em folhas de 25 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$10 violeta claro, 1,5 milhões de selos de \$30 castanho vermelho, 1 milhão de selos de \$35 verde, 10 milhões de selos de \$50 cinzento, 1,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, 1,5 milhões de selos de 1\$75 azul, 1 milhão de selos de 2\$00 verde escuro, e 1 milhão de selos de 3\$50 castanho. Circularam de 1 de Junho de 1946 a 7 de Agosto de 1950.



CASTELO DE SILVES - Fundado antes da era cristã, foi conquistado aos mouros em 1060 por Fernando Magno rei de Castela e Leão, sendo reconquistado pelos mouros pouco depois. Em 3 de Setembro de 1189 foi conquistado aos mouros por D. Sancho I voltando a cair em poder destes em 1191. Em 1242 no reinado de D. Sancho II, Paio Peres Correia toma Silves, de surpresa a Almançor, mantendo-se então sob a coroa de Portugal. O fortíssimo castelo que abraçava toda a povoação de Silves, é formado por altas muralhas guarnecidas de fortes torres pouco distantes umas das outras e protegidas por muros e fossos, sendo a sua porta em bronze. CASTELO DE LEIRIA - Não está desvendada a sua fundação, que uns atribuem aos colímbrios nos anos 300/350 AC, e outros aos romanos que tiveram a sua posse até 414 DC, data em que foi conquistado pelos suevos. Em 715 foi conquistado pelos mouros, sendo em 753 reconquistado pelos suevos, que o perderam a favor do rei de Córdoba em 850. Em 1134, foi o castelo conquistado por D. Afonso Henriques, que o reconstruiu. Em 1140 foi tomado pelos reis mouros, sendo reconquistado por D. Afonso Henriques em 1141/1142. Em 1194, no reinado de D. Sancho I os mouros tornaram a conquista-lo, mas pouco depois, o mesmo soberano o reconquistou para não mais sair das mãos dos portugueses. Construído no cimo dum monte, domina todas as terras em redor, e as suas muralhas abraçavam o Paço Real construído por D. Afonso Henriques.



CASTELO DA FEIRA - Não está determinada a sua fundação, que é no entanto atribuída aos godos, quando no século IX estas invadiram a Lusitânia. Esteve sob o domínio romano e árabe até que em 990 passou para a posse do rei de Castela. Em 1093 passou para o domínio do Conde D. Henrique, mantendo-se em poder dos portugueses. O castelo tipo moradia feudal, compõe-se duma cerca de muralhas com ameias e seteiras, tendo duas portas e um postigo. A torre de menagem é quadrada, com um torreão a cada canto, sendo a sua construção atribuída aos mouros, por se tratar dum verdadeiro alcácer. Tem uma enorme cisterna, e um singular poço quadrado de grande profundidade e construído de pedra de cantaria. CASTELO DE GUIMARÃES - (ver descrição em 1927, emissão comemorativa da Independência de Portugal).

Portugal

1946 – Emissão “Castelos de Portugal”



CASTELO DE ALMOUROL - Não se sabe a quem pertence a sua fundação, que uns atribuem aos Lusitanos e outros aos Romanos. Foi reedificado por D. Gualdim Pais em 1160, ficando na posse da Ordem dos Templários. Está situado num ilhéu no rio Tejo, na região de Constância, Tancos e Vila Nova da Barquinha. O castelo é formado por altas muralhas guarnecidas de ameias, a oeste com quatro torres circulares colocadas a distâncias iguais, no centro tem a sua torre de menagem igualmente ameada, e a leste mais cinco torres circulares, tendo junto á torre de menagem, mais uma torre quadrada. O desembarque no ilhéu é feito a Norte, mas a Sul há vestígios dum antigo cais. **CASTELO DE LISBOA** - Chama-se de S. Jorge, datando as suas primeiras fortificações do ano de 48 AC, quando da conquista da Península por Júlio César. Passou mais tarde para a posse dos bárbaros, e seguidamente dos árabes que muito melhoraram esta fortificação, construindo um castelo e uma cintura de muralhas que o cercavam e defendiam (cerca moira). Quando em 1147 D. Afonso Henriques conquistou Lisboa, já o castelo era uma poderosa fortificação militar, defendida por espessas e fortes muralhas, tendo no interior um alcácer onde residia a governador mouro, e três torres de grande altura e forte edificação (Torre de Menagem, Torre Ulisses e Torre de Abarrã ou do Haver, mais tarde chamada Torre do Tombo). D. Dinis nele edificou a Paço das Alcáçovas, que foi residência real até ao reinado de D. Manuel I. D. João I também realizou notáveis melhoramentos neste castelo, pondo-o sob a protecção de S. Jorge. Servindo longo tempo como aquartelamento e prisão, foi considerado monumento nacional em 1910, e completamente reconstruído em 1938.



CASTELO DE BRAGANÇA - Parece ter sido fundado por D. Sancho no século XIII, e mais tarde restaurado por D. Dinis, tendo sido ampliado e novamente restaurado em 1390 por D. João I. Formado por duas cintas de muros, de base geométrica diferente, atalaiados de torres e cubelos de formas variadas que cercam a sóbria e imponente torre de menagem de 33 metros de altura, coroada de merlões simples, flanqueada superiormente por quatro cantoneiras de ressalto, com “matacões” ressaíndo do paramento. Janelaria e frestas de ogiva, e seteiras longitudinais e cruciformes. A porta ogival que se vê na face Norte, deveria ter acesso por uma ponte levadiça. **CASTELO DE OUREM** - Mandado construir por D. Afonso Henriques, que em 1158 o doou a sua filha D. Teresa, foi um forte baluarte, considerado quase como inexpugnável pelos da época. A sua bela torre de menagem com janelas em ogiva, sobressai como senhora das restantes torres que guarnecem as suas muralhas.

Portugal

1946 – Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Banco de Portugal

Desenho de Martins Barata representando o distintivo do Banco, e gravura a talhe doce de Renato Araújo. Impressos pelo Banco de Portugal sobre papel pontilhado em losangos, em folhas de 50 selos com denteado 11,5 feito na Casa da Moeda. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$50 ardósia. Circularam de 19 de Novembro de 1946 a 9 de Agosto de 1950.



BANCO DE PORTUGAL - Desde os primórdios do comércio geral que existe o comércio bancário praticado por particulares abastados. Os primeiros banqueiros (cambistas) dedicavam-se principalmente à troca das diversas moedas e à transferência de fundos entre praças. Nos fins do século XIV princípios do século XV, com o grande desenvolvimento do comércio geral, surgem os primeiros bancos – Banco de Veneza no ano de 1400 e Banco de Génova em 1407. Dois séculos mais tarde surge o Banco de Amsterdão (1609) seguido dos bancos de Hamburgo e de Roterdão. O Banco de Inglaterra foi fundado em 1694. Na actualidade existem diversos tipos de bancos que, tendo em conta a sua actividade predominante, se podem dividir em Bancos Centrais (centralização das reservas monetárias e fixação da taxa de desconto de uma zona monetária), Bancos Emissores (responsáveis pela emissão do papel-moeda e da moeda metálica divisionária), Bancos de Negócio (financiamento a longo prazo), Bancos Comerciais (financiamentos e outras operações a curto prazo), e Bancos de Fomento (importantes financiamentos a longo prazo tendo em vista o desenvolvimento económico). Em Portugal foi criado por carta de Lei de 31 de Dezembro de 1821 o "Banco de Lisboa" (primeiro banco português) com o capital de 5000 contos e faculdade de emitir notas. No ano de 1846 o Banco de Lisboa fundiu-se com a Companhia Confiança Nacional dando origem ao "Banco de Portugal" que ainda é hoje o banco emissor para Portugal Continental e Insular, e o banco do Estado.

Portugal

1946 – Emissão Comemorativa do 3º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal

Desenho de Martins Barata representando a Padroeira tendo à direita o Escudo das Cinco Quinas, e gravura a talhe doce de Maxime Ferré. Impressos por Bradbury, Wilkinson & Cº Ltd., de Londres, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 2 milhões de selos de \$30 preto-cinzento, 4 milhões de selos de \$50 verde, 2 milhões de selos de 1\$00 vermelho, e 2 milhões de selos de 1\$75 azul claro. Circularam de 8 de Dezembro de 1946 a 9 de Agosto de 1950.



PADROEIRA DE PORTUGAL - Foi D. João IV, quem nas Cortes de 1646 declarou que tomava Nossa Senhora da Conceição como “Padroeira e Defensora do Reino de Portugal”, e ordenou que os estudantes da Universidade de Coimbra, antes de tomarem algum acto, jurassem defender a Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Dogma da Igreja Católica, assim formulado por Pio IX a 8 de Dezembro de 1854 : “Declaramos, pronunciamos e definimos que a doutrina, segundo a qual a bem-aventurada Maria foi, desde o primeiro instante da sua concepção, por graça e privilégio especial de Deus, Todo-Poderoso, em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, preservada e isenta de toda a mácula do pecado original é revelada por Deus e que por conseguinte se vê ser firme e constantemente criada por todos os fieis”. A festa da “Conceição” é na Igreja Católica, a 8 de Dezembro.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1947 – 2ª Emissão “Costumes Portugueses”

Como para concluir a ideia que dera origem à primeira emissão “Costumes Portugueses”, resolveu a Administração Geral dos Correios emitir uma nova série, na qual seriam representados novos trajos pitorescos. Desenhados e pintados a aguarela por Maria de Lourdes de Melo e Castro, foram heliogravados em folhas de 100 selos por Courvoisier S. A., da Suíça, sobre papel porcelana entremeadado de fios de seda azuis e vermelhos, e com denteado 11,5. Circularam de 1 de Março de 1947 a 9 de Agosto de 1950.

Foram emitidos: 5 milhões de selos de \$10 violeta, representando a MULHER DO CARAMULO, 2 milhões de selos de \$30 castanho vermelho representando a MULHER DE MALPIQUE, 1 milhão de selos de \$35 verde azeitona representando o HOMEM DE MONSANTO, 26 milhões de selos de \$50 castanho escuro representando a MULHER DE AVINTES.



Foram emitidos: 2 milhões de selos de 1\$ vermelho representando a MULHER DE MAIA, 2 milhões de selos de 1\$75 azul representando a MULHER DO ALGARVE, 1 milhão de selos de 2\$00 azul esverdeado representando o HOMEM DE MIRANDA DO DOURO (pauliteiro), e 1 milhão de selos de 3\$50 verde escuro representando a MULHER DOS AÇORES.



Portugal

1947 – Emissão Comemorativa do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros

Desenho de Martins Barata, representando “A Rendição dos Mouros a D. Afonso Henriques, após a tomada de Lisboa”, réplica dum fragmento da grande decoração que o mesmo artista pintou para a Exposição do Mundo Português. Gravura a talhe doce de Renato Araújo e impressos por Waterlow & Sons, Ltd. de Londres, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 12,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de \$05 verde, 500 mil selos de \$20 vermelho, 4 milhões de selos de \$50 violeta, 500 mil selos de 1\$75 azul, 300 mil selos de 2\$50 castanho, e 200 mil selos de 3\$50 preto. Circularam de 13 de Outubro de 1947 a 9 de Agosto de 1950.



TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS - No dia 25 de Outubro de 1147, após um cerco de cinco meses, as tropas portuguesas de Dom Afonso Henriques, conquistaram Lisboa aos Mouros, passando assim definitivamente, a cidade para o poder cristão. Nesta empresa, as tropas de Dom Afonso Henriques foram ajudadas pelos Cruzados que haviam chegado ao Tejo, e eram formados por homens de origem francesa, inglesa e alemã. Antes do assalto, as tropas de Dom Afonso Henriques haviam acampado no lugar onde hoje se ergue São Vicente de Fora, e as tropas dos Cruzados, no lugar onde está hoje a Igreja dos Mártires. Uma lenda revela que o fidalgo Martim Moniz se fez entalar numa das portas do castelo, evitando assim que os mouros a pudessem encerrar, o que facilitou o assalto dos homens de Dom Afonso Henriques! Alguns historiadores são da opinião que a tomada se deu por capitulação dos mouros, depois de longo cerco, pelo que não houve assalto.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1948 – Emissão Comemorativa do 3º Centenário do Nascimento de S. João de Brito

Desenhos de Martins Barata, sobre baixos relevos de Salvador Barata Feio, representando nos selos de \$30 e 1\$00 o “Pagem da Campaíinha” de perfil, inspirado no fresco de H. Franco, vendo-se ao fundo em cima, o Paço da Ribeira, e nos selos de \$50 e 1\$75 o busto inspirado na estátua de S. João de Brito interpretada em madeira pelo escultor Barata Feyo e policromada por Altino Maia, exposta na capela de Nossa Senhora de Fátima na cidade do Porto. Gravuras de Renato Araujo e impressão feita no Banco de Portugal sobre papel liso, em folhas de 50 selos com denteado 11 $\frac{3}{4}$ x12. Foram emitidos 3 milhões de selos de \$30 verde, 5 milhões de selos de \$50 castanho, 1 milhão de selos de 1\$00 vermelho, e 1 milhão de selos de 1\$75 azul. Circularam de 28 de Maio de 1948 a 9 de Agosto de 1950.



SÃO JOÃO DE BRITO - Nasceu em Lisboa em 1647, e era filho de Salvador de Brito Pereira trinchante de D. João IV, e de D. Brites Pereira. Muito novo ingressou na Companhia de Jesus. Foi Pagem do Infante D. Pedro (mais tarde D. Pedro II), e aos 26 anos foi ordenado de presbítero, tendo embarcado para a Índia como missionário. Sempre muito perseguido por aqueles que não aceitavam a conversão ao catolicismo, entrou no Reino de Maravá onde iniciou a preparação do baptismo dum príncipe que o pedira. Isto suscitou contra o padre, a perseguição que terminou com o seu martírio: Foi condenado à morte por sentença do tirano Vrenjadem e executado em Urgur, a 4 de Fevereiro de 1693.

Portugal

1948 – Emissão Comemorativa da Exposição de Obras Públicas e dos Congressos Nacionais de Engenharia e Arquitectura

Desenho alegórico de Cottinelli Telmo, e gravura a talhe doce de Renato Araújo. Impressos pelo Banco de Portugal sobre papel liso espesso, em folhas de 50 selos com denteado 13,5x12,5. Foram emitidos 10 milhões de selos de \$50 lilás. Circularam de 28 de Maio de 1948 a 9 de Agosto de 1950.



ENGENHARIA E ARQUITECTURA - Intimamente ligadas, são estas técnicas que nos tempos modernos nos oferecem a enorme gama de projectos e obras indispensáveis às necessidades do homem. A Engenharia Civil ocupa-se do projecto e construção de estruturas permanentes de carácter público ou utilitário, podendo dividir-se em mecânica do solo, construções e estruturas, hidráulica, sanitária, estradas e aeroportos, transportes e caminhos de ferro, e urbanismo. Se nos tempos mais remotos a arquitectura, por primária, não necessitava do apoio da engenharia, com o nascer das civilizações e o aparecimento das grandes obras, passou a desempenhar um importante papel até conquistar o lugar cimeiro de hoje. Efectivamente será difícil podermos imaginar que, desde as monumentais catedrais até aos grandes edifícios de ferro e cimento, fosse possível a concretização de tais obras sem uma oompleta coordenação entre a engenharia e a arquitectura. Da elaboração de congressos como o presente Congresso Nacional de Engenharia e Arquitectura surgem úteis “comunicações” para uma mais ampla e profícua colaboração em prol dum sempre melhor aproveitamento de conhecimentos.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1948/1949 – Tipo “Caravela”

Aproveitando o desenho de Martins Barata, que já havia sido utilizado em 1943 para a anterior emissão de selos-base, foram postas em circulação sete novas taxas, e substituídas as cores de duas taxas já existentes. Tipografados pela Casa da Moeda sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 100 selos com denteado 14. Foram emitidos 2,2 milhões de selos de \$80 verde, 251 milhões de selos de 1\$00 violeta vermelho, 7 milhões de selos de 1\$20 vermelho, 18 milhões de selos de 1\$50 verde-azeitona, 1 milhão de selos de 1\$80 amarelo-ocre, 20 milhões de selos de 2\$00 azul-escuro, 3,5 milhões de selos de 4\$00 laranja, 700 mil selos de 6\$00 verde-amarelo, e 500 mil selos de 7\$50 verde-cinza-escuro. Circularam de 27 de Dezembro de 1948 a 1 de Novembro de 1957.



CARAVELA - Vocábulo português com origem no nome "cáravo", barco árabe, e que pela primeira vez aparece citado num foral dado por D. Afonso III, em 1255, à Vila de Gaia. A Caravela Latina é caracterizada pelo formato triangular das suas velas e pelo pequeno porte da embarcação – 50 a 100 tonéis e 10 a 20 homens de tripulação. (Ver descrição na emissão de 1943).

Portugal

1949 – Emissão Comemorativa da Fundação da Dinastia de Aviz

Desenhos do pintor Pedro Guedes. Impressão em heliogravura por Courvoisier S. A. da Suíça, sobre papel porcelana entremeadado de fios de seda azuis e vermelhos, em folhas de 100 selos com denteado 11,5. Foram emitidos 1,5 milhões de selos de \$10 violeta, 1 milhão de selos de \$30 verde-azul, 500 mil selos de \$35 verde-azeitona 500 mil selos de \$50 azul, 5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, 300 mil selos de 1\$75 cinzento-violeta, 1,5 milhões de selos de 2\$00 ultramar escuro, e 200 mil selos de 3\$50 castanho.



D. JOÃO I - Fundador da Dinastia de Aviz, nasceu em Lisboa a 11 de Abril de 1358, e era filho de D. Pedro I, e de Teresa Lourenço. Aos sete anos foi eleito Mestre da Ordem de S. Bento de Aviz, aos 25 anos (1383) foi aclamado “Defensor e Regedor do Reino”, e aos 27 anos (1385) foi aclamado “Rei de Portugal”. Casou em 1387 com D. Filipa de Lancastre, e faleceu em Lisboa a 14 de Agosto de 1433. D. FILIPA DE LANCASTRE - Nasceu em Inglaterra no ano de 1359, e era filha do Duque de Lancastre e neta de Eduardo II de Inglaterra. Casou com D. João I em 2 de Fevereiro de 1387, de cujo matrimónio nasceram oito filhos. Faleceu em Sacavém, vítima da peste em 18 de Julho de 1415. INFANTE D. FERNANDO - Nasceu em Santarém a 29 de Setembro de 1402, e era filho de D. João I e de D. Filipa de Lancastre. Muito bom e religioso, o Papa Eugénio IV ofereceu-lhe em 1434 o Chapeu de Cardeal, que D. Fernando, por humildade recusou. Em 1437 fez parte da expedição a Tanger, caindo prisioneiro dos mouros que o enviaram para Arzila, donde passados 7 meses em que exigiam para seu resgate a entrega de Ceuta, foi posto a ferros em Fez e martirizado durante seis anos, falecendo a 5 de Julho de 1443. INFANTE D. HENRIQUE - (ver biografia na emissão de 1894)



NUNO ALVARES PEREIRA - (ver biografia na emissão de 1931). JOÃO DAS REGRAS - (ver biografia na emissão de 1927). FERNÃO LOPES - Nasceu no ano de 1380? e foi o primeiro cronista-mor do reino. Historiador ilustre, foi encarregado, pelo Rei D. Duarte, de escrever as crónicas dos monarcas seus antecessores. Em 1418 foi nomeado guarda-mor da Torre do Tombo. Escreveu as Crónicas do Conde D. Henrique, e de todos os monarcas até D. Duarte. Faleceu depois de 1459. AFONSO DOMINGUES - Primeiro arquitecto do Mosteiro da Batalha, traçou a planta e dirigiu os trabalhos desde o seu início em 1386 até 1402. Mesmo depois de ter cegado dirigiu os trabalhos da abóbada da sala do capítulo, depois desta ter ruído ao ser concluída pelo mestre irlandês David Ouguet. Reconstruída a abóbada sob a sua direcção, morreu o Mestre em repouso sob a mesma, não resistindo ao cumprimento do voto de jejum a que se obrigara por três dias.

Portugal

1949 – Emissão Comemorativa do 75º Aniversário da União Postal Universal

Desenho alegórico do Pintor Cândido Costa Pinto, e gravura a talhe doce do Mestre Gravador Renato Araujo. Impressos por Thomas De La Rue & C^a, de Londres, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 13x13,5. Foram emitidos 6 milhões de selos de 1\$00 violeta, 2,5 milhões de selos de 2\$00 azul, 1 milhão de selos de 2\$50 verde, e 500 mil selos de 4\$00 castanho vermelho. Circularam de 29 de Dezembro de 1949 a 30 de Março de 1952.



UNIÃO POSTAL UNIVERSAL - Em 1859 publicou Joseph Michaelsen, funcionário dos correios dinamarqueses, uma brochura chamando a atenção para a necessidade de “reciprocidade de transporte de correspondência internacional, gratuitamente em cada país, passando os portes a ser pagos pelo remetente em vez de o serem pelo destinatário”. Em 1862 propôs o Correio-Mor dos Estados Unidos da América, Montgomery Blair, a realização duma conferência internacional, tendo em vista rever simplificar e unificar as convenções postais internacionais, conferência que em 1863 se realizou em Paris. Mercê dos esforços do Director dos Correios da Alemanha, Heinrich Von Stephan para uma união postal permanente, realizou-se em Berne, de 15 de Setembro a 9 de Outubro de 1874, um congresso composto de representantes de 21 países (Alemanha, Áustria, Hungria, Bélgica, Dinamarca, Egipto, Espanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal, Roménia, Rússia, Sérvia, Suécia, Suíça e Turquia). Von Stephan apresentou o projecto para a formação de uma União Postal Internacional (futura UPU), tendo em 9 de Outubro de 1874, sido assinado o acordo pelas partes contratantes.

Portugal

1949 – Emissão Comemorativa do XVI Congresso Internacional de História da Arte

Desenho de Martins Barata em fonte directa da escultura “O Anjo Românico”, e gravura a talhe doce do Professor Karl Seizinger. Impressos por Joh Enschedé & Zonen de Haarlem Holanda, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 12,5x14. Foram emitidos 7 milhões de selos de 1\$00 lilás vermelho, e 3 milhões de selos de 5\$00 bistre esverdeado. Circularam de 20 de Dezembro de 1949 a 30 de Março de 1952.



O ANJO ROMÂNICO - Escultura do século XII, talhada em granito do Norte, julgando-se ter pertencido originariamente à Sé do Porto. Sofreu várias mutilações, sendo as principais, a perda da cabeça e das mãos. As qualidades que o fazem estimar e que lhe mereceram o lugar destacado que ocupa, são a raridade da escultura de representação humana na arte românica portuguesa, e a sua categoria artística ou ordem que ocupa na evolução da técnica escultural, numa fase ainda hierática. Pertence actualmente ao Museu Machado de Castro.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1950 – Emissão Comemorativa do Ano Santo

Desenho de Martins Barata, representando a N. S. do Rosário de Fátima, em imagem interpretada em alto relevo pelo escultor português Mestre Leopoldo de Almeida, destinada ao altar consagrado ao culto da Senhora de Fátima, na Igreja de Santo Eugénio na Cidade de Roma. Gravura a talhe doce de Renato Araujo, e impressão pelo Banco de Portugal, feita sobre papel liso, médio ou espesso, em folhas de 50 selos com denteado 11,5x12. Foram emitidos 2,5 milhões de selos de \$50 verde, 5 milhões de selos de 1\$00 sépia, 2,3 milhões de selos de 2\$00 azul, e 200 mil selos de 5\$00 violeta. Circularam de 13 de Maio de 1950 a 25 de Abril de 1953.



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - Teve a sua primeira aparição no sítio da Cova-da-Iria, onde três pastores (Lúcia de Jesus de 10 anos, e seus primos Francisco Marto de 9 anos e Jacinta de 7 anos), declararam ter sido visitados por Nossa Senhora, que com eles falou, em 13 de Maio de 1917. Em 13 de Junho do mesmo ano, ocorreu a segunda aparição na presença de 60 pessoas, e a terceira aparição a 13 de Julho foi assistida por 5.000 pessoas. A quarta aparição que deveria dar-se a 13 de Agosto foi impedida pela autoridade administrativa de Vila-Nova-de-Ourem prendendo os videntes, que mantendo as suas afirmações, foram postos em liberdade. Esta aparição veio a dar-se inesperadamente a 19 do mesmo mês no sítio dos Valinhos. Seguiram-se as aparições de 13 de Setembro a que assistiram 20.000 pessoas, e a última a 12 de Outubro com uma assistência calculada em 60.000 pessoas. Não houve mais aparições, mas desde então, o descampado serrano é procurado por multidões de peregrinos que já excederam as 500.000 pessoas. Por carta pastoral de 13 de Outubro de 1930, o Bispo de Leiria declarou “como dignas de crédito as visões das crianças na Cova-da-Iria” e permitiu oficialmente, o culto da Nossa Senhora de Fátima. No Santuário hoje existente, podem-se admirar além da Monumental Basílica em estilo renascimento, o belo Monumento ao Coração de Jesus e a Capela das Aparições.

Portugal

1950 – Emissão Comemorativa do IV Centenário da Morte de S. João de Deus

Desenho de Martins Barata sobre um baixo relevo expressamente elaborado pelo Mestre Barata Feio, representando o Santo apoiado a um bordão que segura na mão direita, e amparando com a esquerda, um doente que marcha a seu lado; em frente das figuras desenrola-se uma fita que sobe e se desenvolve horizontalmente ao alto do selo, tendo sobre a sua extremidade, uma romã, símbolo deste Santo. A gravura a talhe doce é da autoria de Renato Araujo, e a impressão feita no Banco de Portugal sobre papel liso em folhas de 50 selos. O denteado é 11,5x12 feito na Casa da Moeda. Foram emitidos 1,5 milhões de selos de \$20 violeta cinzento, 1,5 milhões de selos de \$50 carmim, 5 milhões de selos de 1\$00 verde azeitona, 500 mil selos de 1\$50 laranja, 1 milhão de selos de 2\$00 azul, e 500 mil selos de 4\$00 castanho vermelho. Circularam de 30 de Outubro de 1950 a 25 de Abril de 1953.



S. JOÃO DE DEUS - Santo português, fundador da Ordem Hospitaleira. Nasceu a 8 de Março de 1495 na Vila de Montemor-o-Novo, e era filho de família humilde. Seu pai chamava-se André Cidade, desconhecendo-se o nome de sua mãe. Aos oito anos, saiu de casa sem conhecimento dos pais e foi trabalhar para Oropesa em Castela, como pastor. Foi voluntário nas guerras entre Carlos V e Francisco I de França, e na expedição enviada em socorro de Viana de Áustria, ameaçada pelos Turcos. Aos 42 anos fixou-se em Granada, onde se iniciou na obra de assistência aos enfermos pobres e especialmente aos alienados. Faleceu em 8 de Março de 1550, no dia em que completava 55 anos de idade, tendo dedicado os últimos 13 anos da sua vida, inteiramente a Deus e aos pobres. Foi beatificado por Urbano VIII em 21 de Setembro de 1630, canonizado por Alexandre VIII em 16 de Outubro de 1690, Leão XIII proclamou-o Padroeiro dos Hospitais e dos Enfermos, e Pio XI em 1930 declarou-o também Padroeiro dos Enfermeiros e Enfermeiras. O Papa Pio V aprovou em 1571 o "Instituto de São João de Deus" sob a regra de Santo Agostinho, e instalado no Hospital que João de Deus fundara em Granada. Em 1660, a Ordem fundou em Montemor-o-Novo, um convento na própria casa onde nascera São João de Deus. O Templo tinha hospital anexo, e em 1625 sucedeu uma grande e bela igreja, debaixo do altar-mor da qual, ainda hoje se conserva transformada em cripta, a casa onde segundo a tradição, o Santo nasceu e passou os primeiros anos de vida.

Portugal

1951 – Emissão Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Guerra Junqueiro

Desenho a lápis de Pedro Guedes, impressão em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso fino em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 1 milhão de selos de \$50 castanho e 4 milhões de selos de 1\$00 ardósia. Circularam de 2 de Março de 1951 a 25 de Abril de 1953.



ABÍLIO GUERRA JUNQUEIRO - Nasceu em Freixo-de-Espada-à-Cinta, a 17 de Setembro de 1850. Estudou no Porto e em Coimbra onde se formou em Direito em 1873. Já em 1864 publicara um pequeno opúsculo intitulado “Duas Páginas Dos 14 Anos” quadras sem qualquer coisa que deixasse adivinhar o grande poeta que depois provou ser. Tal como Victor Hugo, dedica-se a exprimir em versos, os acontecimentos sociais e políticos do seu tempo (Victória da França, Espanha Livre, O Crime, A Morte de D. João). Em “A Velhice do Padre Eterno” a sua veia satírica atinge o auge, na irreverência dum tema delicado. Em 1892 aparece uma das suas mais notáveis obras “Os Simples”, e em 1896 escreve o famoso poema “Pátria” por ocasião do ultimatum britânico. São suas, outras notáveis obras como “Marcha do Ódio”, “Finis Patriae”, “Oração ao Pão” e “Oração à Luz”. Nos últimos 22 anos da sua vida, período em que exerceu alguns cargos oficiais (Secretário Geral dos Governos Cívicos de Angra do Heroísmo e Viana do Castelo, e Ministro de Portugal em Berna), somente publicou obras em prosa (O Monstro Alemão, Prosas Dispersas). Convertido sinceramente ao catolicismo, faleceu Guerra Junqueiro em Lisboa, a 7 de Julho de 1923.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1951 – Emissão Comemorativa do 3º Congresso Nacional de Pesca

Desenho de Domingos Rebelo, representando um pescador a carregar um atum. Impressão em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso, fino ou médio, em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 1 milhão de selos de \$50 verde sobre amarelo, e 4 milhões de selos de 1\$00 vermelho sobre amarelo. Circularam de 9 de Março de 1951 a 25 de Abril de 1953.



PESCA - A pesca foi um dos primitivos recursos que teve o primeiro ser humano para assegurar a sua subsistência. Existem como provas da sua velhice pré-histórica os kiokenmodingos ou restos de cozinha, que contem conchas e despojos de peixe em grande quantidade ou concheiros (Teviec na Bretanha e Muge em Portugal, do período mesolítico). Na era paleolítica pescavam com arpões e anzóis, e na era neolítica já os povos lacustres usavam redes de pesca. Os Egípcios, Assírios e Hebreus fizeram comércio da pesca. Portugal, de longa data, tem ligado à pesca a sua história e a sua prosperidade, mormente após a criação e a valorização da indústria das conservas em azeite. Na antiguidade, foi a pesca exercida livremente. A partir da Idade-Média, a pesca fluvial foi em alguns países considerada direito senhorial, como a pesca marítima era sujeita a direitos realengos, ou imposto de pescado. Nas águas interiores, os ricos-homens e outros senhores feudais faziam coutadas, considerando propriedade exclusiva sua, o peixe nelas pescado. Desde os primeiros séculos da monarquia, que a pesca mereceu leis de protecção por parte dos reis. Em Portugal, D. Dinis no ano de 1286, por carta régia protege os pescadores de Paredes, determinando igualmente as suas obrigações. Várias leis, tratados e alvarás foram condicionando os direitos de pesca, sobrecarregando simultaneamente de impostos os pescadores. Em 1789 D. Maria I, e em 1802 D. João VI, estabeleceram a liberdade de pesca e favoreceram notavelmente os pescadores, isentando de todos os tributos, o peixe e o sal necessário para a sua conservação, e isentando de penhora os barcos dos pescadores. Hoje, está a pesca regulamentada, de modo a proteger não só as espécies, como ainda os interesses dos pescadores e da economia do país. Os congressos realizados, bem têm demonstrado o valor desta indústria, e bem assim concorrido para a sua regulamentação e desenvolvimento.

Portugal

1951 – Emissão Comemorativa do Encerramento do Ano Santo

Desenhos de Martins Barata, representando uma pomba branca, de asas abertas com um ramo de oliveira no bico, simbolizando a Paz e a mensagem de Fátima (\$20 \$90) e o perfil de S. Santidade Pio XII em homenagem à sua iniciativa de fazer encerrar em Fátima, o Ano Santo para o estrangeiro (1\$00 2\$30). Ambos os centros estão emoldurados por uma fita com os dizeres “Encerramento do Ano Santo 1951”, tendo à esquerda um pequeno círculo com as armas portuguesas e á direita simetricamente, o “Crisma” paleocristão que se tomou como símbolo dos peregrinos no Ano Santo, e é formado pelas letras X e P da palavra grega XPICTOC (Kristos). Impressão em off-set pela Casa da Moeda sobre papel liso fino ou médio, em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidas 2 milhões de selos de \$20 castanho e bistre, 500 mil selos de \$90 verde e amarelo, 6 milhões de selos de 1\$00 lilás vermelho e rosa, e 1,5 milhões de selos de 2\$30 verde azul. Circularam de 11 de Outubro de 1951 a 23 de Abril de 1954.



SUA SANTIDADE PIO XII - Eugénio Pacelli, nasceu em Roma a 2 de Março de 1876. Ordenado sacerdote em 2 de Abril de 1899, é sagrado bispo em 13 de Maio de 1917 e sobe ao cardinalato no Consistório de 16 de Dezembro de 1929 (Consistório em que também é eleito Cardeal, D. Manuel Gonçalves Cerejeira). Em 7 de Janeiro de 1930 assumia o secretariado de Estado do Vaticano, pela designação do Cardeal Gasparri e finalmente eleito Papa em 2 de Março de 1939, por morte de S. Santidade Pio XI. Faleceu em Roma, no dia 9 de Outubro de 1958.

ANO SANTO - É assim chamado, o ano em que se concede indulgência aos fiéis da Igreja Romana, mediante o cumprimento de certas condições, sobretudo confissão e comunhão, e visita aos templos de São Pedro e São Paulo em Roma ou a outros designados pelos bispos para quem não possa visitar aqueles. O primeiro Ano Santo foi o de 1300 e o Papa Bonifácio VIII estendia a concessão a todos os anos centenários de 1300. Clemente VII fixou o ano jubilar para cada 50 anos, Urbano VI reduziu o prazo para 33 anos, e Paulo II para cada 30 anos.

Portugal

1951 – Emissão Comemorativa do V Centenário do Povoamento da Ilha Terceira

Desenho de Martins Barata, representando um casal de colonos da era de quatrocentos, caminhando na Ilha onde chegou! O homem leva uma enxada ao ombro esquerdo e tem uma pequena planta na mão direita levantada; a seu lado vai a mulher com uma criança ao colo; junto deles uma cabrinha que os acompanha, ao fundo e a esquerda a caravela de onde desembarcaram, e à direita um pequeno arbusto. Impressos em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 1 milhão de selos de \$50 azul sobre rosa, e 4 milhões de selos de 1\$00 castanho sobre amarelo. Circularam de 24 de Outubro de 1951 a 23 de Abril de 1954.



POVOAMENTO DA ILHA TERCEIRA - Em 1450 doou D. João a Jácome de Bruges, para a povoar, a Ilha que havia sido a terceira a ser descoberta no arquipélago dos Açores. Os primeiros colonos estabeleceram-se na Vila de S. Sebastião, donde se estenderam para a Vila da Praia, e mais tarde para Angra. Está esta Ilha ligada a muitos factos da nossa História, e no seu forte de São João Baptista estiveram presos vários políticos, além de D. Afonso VI por ordem de seu irmão D. Pedro II que lhe usurpara o trono e mais tarde o transferiu para o Palácio de Sintra, e do chefe vatua Gungunhana que ali faleceu, depois de ter sido feito prisioneiro por Mousinho de Albuquerque.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1951 – Emissão Comemorativa do XXV ano da Revolução Nacional

Desenho de Domingos Rebelo, representando um grupo de portugueses, formado por estudantes, forças armadas, trabalhadores... Marchando depois de ultrapassarem o marco que assinala o XXV ano da Revolução Nacional. Impressos em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de 1\$00 castanho, e 1 milhão de selos de 2\$30 azul. Circularam de 22 de Novembro de 1951 a 23 de Abril de 1954.



REVOLUÇÃO NACIONAL - Foi em 28 de Maio de 1926, que sob o comando do General Gomes da Costa, se sublevou o Regimento de Infantaria 8, seguido das outras unidades militares da cidade de Braga. Embora o Governo estivesse disposto a combater os revoltosos, as possibilidades diminuía à medida que as diversas unidades militares espalhadas pelo País, aderiam ao movimento. Assim, na tarde de 30 de Maio assinou o Presidente Bernardino Machado, a exoneração do Ministério Democrático de António Maria da Silva, para nomear em sua substituição, o Comandante Cabeçadas, que assumiu a Presidência da República em 31 de Maio, por renúncia do Presidente Bernardino Machado. Não sendo o Comandante Cabeçadas, partidário duma ditadura militar, não conseguiu acordo com Gomes da Costa, que lhe impôs o abandono do Governo da Nação, cercado a cidade de Lisboa no dia 17 de Junho. Assumiu Gomes da Costa a presidência que seria obrigado a deixar no dia 9 de Julho, por novo golpe imposto pelos Generais Carmona e Sinel de Cordes, sendo o Presidente, exilado para Angra do Heroísmo. Tomou conta do Governo, o General Oscar de Fragoso Carmona, que tomou posse interina da Presidência da República, em 29 de Novembro de 1926. A ditadura militar teve de enfrentar alguns levantamentos, entre os quais as grandes revoluções do Porto e de Lisboa. Foi efectivamente eleito em 28 de Março de 1928, o General Carmona para a Presidência da República, tomando posse em 15 de Abril. Com esta eleição por sufrágio directo, terminaram os dois anos de ditadura militar que deram lugar à ditadura financeira de 1928 a 1931, à ditadura política de 1931 a 1933, e à actual administração constitucional (a Última Constituição foi aprovada em plebiscito de 19 de Março de 1933), com o Doutor Oliveira Salazar na orientação política e Chefia do Governo.

Portugal

1952 – Emissão “Museu Nacional dos Coches”

Representando algumas das principais viaturas existentes no Museu Nacional dos Coches, foi criada uma nova emissão de oito selos. Impressos por Bradbury, Wilkinson & C^a, de Londres, sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 13x13,5. Circularam de 8 de Janeiro de 1952 a 23 de Abril de 1954.



COCHE DE D. FILIPE II - Século XVI - Assim chamado por ser tradição, ter sido trazido por este Rei, por ocasião da sua viagem a Portugal em 1619, é muito conhecido e apreciado, em razão de ser o único exemplar subsistente da viatura régia do tipo usado em Espanha nos fins do século XVI aos meados do século XVII. É o mais antigo do museu. Desenho de Cândido da Costa Pinto em fonte directa, cercadura gravada a talhe doce por H. Cole, e centro gravado a talhe doce por C. Richardson. Foram emitidos 1 milhão de selos de \$10 violeta, e 250 mil selos de \$90 verde esmeralda.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1952 – Emissão “Museu Nacional dos Coches”

CARRUAGEM DA COROA - Século XIX - É um veículo de fabrico inglês, construído em 1824, já pelo novo sistema das suspensões metálicas, e por isso muito mais ligeiro que as pesadas viaturas feitas inteiramente de madeira. Encomendada pelo Rei D. João VI, serviu especialmente nos cortejos das aclamações dos Reis de Portugal a partir dessa época e nas cerimónias da abertura das Cortes. Desenho de Cândido da Costa Pinto em fonte directa, cercadura gravada a talhe doce por H. Cole, e centro gravado a talhe doce por P. Lanham. Foram emitidos 1 milhão de selos de \$20 verde oliva, e 500 mil selos de 1\$50 castanho.



COCHE DA EMBAIXADA - Século XVIII - É o principal dos carros triunfais ou coches de aparato especialmente construídos em Roma com a colaboração de artistas portugueses, para a entrada da embaixada extraordinária do Marquês de Fontes, Rodrigo Anes de Sá e Meneses, que D. João V mandou a Roma em 1716. Os admiráveis grupos, esculturas que ornaram os alçados dianteiros e traseiros, são dignos do escopro de Bernini! A caixa deste carro e toda revestida de ilhama de ouro, e o seu parsevã ou piso marchetado de marfim. Desenho de Cândido da Costa Pinto em fonte directa, cercadura gravada a talhe doce por H. Cole, e centro gravado a talhe doce por C. Richardson. Foram emitidos 1,5 milhões de selos de \$50 verde azul, e 250 mil selos de 1\$40 carmim.



Portugal

1952 – Emissão “Museu Nacional dos Coches”

COCHE DE D. JOÃO V - Século XVIII - Uma das mais preciosas jóias do Museu Nacional dos Coches, obra máxima da arte da carroçaria nacional, pois foi executado em Lisboa por artistas portugueses, embora a sua decoração pictórica se atribua ao francês Pierre-Antoine Quillard. Este carro é um dos que apresenta uma folha mais larga de serviços, tendo estado desde os fins do século passado, destinado para o recebimento dos soberanos, príncipes e chefes de estado estrangeiras, que vinham a Portugal. Nele foram conduzidos por ocasião da sua chegada, o Imperador Dom Pedro II do Brasil, os Reis Oscar da Suécia, Eduardo VII de Inglaterra, Dom Afonso XII e Dom Afonso XIII de Espanha, o Imperador Guilherme II da Alemanha, e o Presidente Emile Loubet da França. Desenho de Cândido da Costa Pinto em fonte directa, cercadura gravada a talhe doce por H. Cole, e centro gravado a talhe doce por C. Roberts. Foram emitidos 4,5 milhões de selos de 1\$00 laranja, e 1 milhão de selos de 2\$30 azul.



MUSEU NACIONAL DOS COCHES - Foi fundado pela Rainha D. Amélia, sendo inaugurado em 23 de Maio de 1905. Instalado no “Picadeiro Real” anexo ao Palácio de Belém, edifício construído na segunda metade do século XVIII, pelo arquitecto Giacomo Azzolini. Depois de feitas as necessárias obras de restauro e adaptação, conserva este museu vinte e seis coches, alguns dos quais de espantosa sumptuosidade (para comparação se regista, que o museu do mesmo género existente em Viana de Áustria o “Wagenmuseum” e considerado o melhor, depois do de Lisboa, conserva unicamente cinco coches). Igualmente ali se encontram ricas berlindas, lindos carrinhos de passeio usados nas quintas reais, carruagens de gala, seges, berlindas processionais de devotas imagens, liteiras e cadeirinhas, a acrescentar às colecções de fardamentos do pessoal, arreios e selas, e outros objectos inerentes. É hoje, um dos museus mais procurados e apreciados da nossa capital.

Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do 3º aniversário da Organização do Tratado do Atlântico Norte

Desenho alegórico de Cândido da Costa Pinto, apresentando uma âncora segurando o Mundo, a pomba da Paz e um galhardete, tendo por fundo, o mar. A impressão a off-set foi feita na Casa da Moeda sobre papel liso, em folhas de 100 selos com denteado 12,5. Foram emitidos 14 milhões de selos de 1\$00 verde e verde claro, e 350 mil selos de 3\$50 cinzento e azul. Circularam de 4 de Abril de 1952 a 26 de Maio de 1955.



ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN) - Foi criada em 4 de Abril de 1949, na reunião em Washington, dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, Canada, Dinamarca, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos da América, como uma “Liga de Segurança” das Nações Livres, com base alargada dos países participantes do Tratado de Bruxelas, e a inclusão do Canada e dos Estados Unidos. Nesta reunião foi assinado o Pacto do Atlântico, dividido em 14 artigos que estabelecem as normas e obrigações relacionadas com a defesa comum. A Grécia e a Turquia, foram admitidas na OTAN em 22 de Outubro de 1951, e a Republica Federal Alemã em 23 de Outubro de 1954, após a reorganização efectuada pelo Conselho na reunião de Lisboa, em Fevereiro de 1952, a sua autoridade mais elevada é o Conselho do Atlântico Norte, com sede no Palácio Chaillot em Paris.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do 8º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins

Desenho de Martins Barata, representando dois jogadores do hóquei em patins disputando a bola. Impressão a off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso médio ou espesso em folhas de 100 selos com denteado 14. Foram emitidos 4 milhões de selos de 1\$00 azul e cinzento, e 500 mil selos de 3\$50 castanho e cinzento. Circularam de 28 de Junho de 1952 a 26 de Maio de 1955.



HÓQUEI EM PATINS - O hóquei é jogo já praticado na antiguidade, aparecendo em velhas crónicas irlandesas do ano 148, e antes dessa época se jogou na Arábia, um jogo com as mesmas características. Oficialmente, pratica-se em Portugal o hóquei em patins desde 1922. No 8º Campeonato do Mundo realizado na cidade do Porto, a equipa portuguesa conquistou o título mundial, ao vencer na finalíssima, a equipa representativa da Itália, por 5 a 1.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do Centenário do Nascimento do Prof. Gomes Teixeira

Desenho de Pedro Guedes, e impressão a off-set pela Litografia Nacional, sobre papel esmalte em folhas de 100 selos com denteado 14,5. Foram emitidos 4,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, e 500 mil selos de 2\$30 azul.



PROFESSOR DR. FRANCISCO GOMES TEIXEIRA - Natural de S. Cosmado, distrito de Viseu nasceu em 28 de Janeiro de 1851. Após um curso excepcionalmente brilhante, doutorou-se em matemática com a classificação máxima, sendo nomeado catedrático das cadeiras de cálculo infinitesimal e integral da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Mais tarde, regeu as cadeiras de mecânica e de cálculo diferencial e integral da Academia Politécnica do Porto, depois chamada Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, de que veio a ser nomeado Reitor em 1911. Alguns dos seus célebres trabalhos, foram além de publicados em jornais estrangeiras, citados em trabalhos e revistas da especialidade. Fundou o “Jornal de Ciências da Academia Politécnica do Porto”. Viu premiadas várias das suas obras, e os trabalhos de sua autoria sobre matemática, foram reunidos em sete volumes publicados a expensas do Governo. Além das suas publicações científicas, deixou várias produções literárias de índole místico-filosófica de elevado mérito. Obteve o grau de “Doutor Honoris Causa” pelas Universidades de Madrid, Tolosa e Santiago do Chile. Foi sócio de numerosas colectividades científicas nacionais e estrangeiras e sócio de mérito da Academia das Ciências de Lisboa. Depois de jubilado, foi nomeado Reitor Honorário da Universidade do Porto, consagrando-o verdadeira Glória Nacional. Faleceu no Porto, a 8 de Fevereiro de 1933.

Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do Centenário do Ministério das Obras Públicas

Desenhos de Veloso Reis Camelo, em fontes directas. Impressão em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso em folhas de 100 selos com denteado 12,5. Foram emitidos 7 milhões de selos de 1\$00 castanho vermelho s/creme, 350 mil selos de 1\$40 violeta s/ creme, 500 mil selos de 2\$00 verde s/ creme, e 350 mil selos de 3\$50 azul ardósia s/ creme. Circularam de 10 de Dezembro de 1952 a 26 de Maio de 1955.

PONTE MARECHAL CARMONA - Esta obra de arte que liga as duas margens do Tejo em frente a Vila Franca de Xira, foi inaugurada em 30 de Dezembro de 1951. Tem 1.700 metros de comprimento, sendo 520 sobre o rio, nos cinco tramos metálicos que formam a ponte, e o restante pertencente a dois viadutos em betão armado. Foi executada em 1.000 dias e custou 130 mil contos. ESTÁDIO 28 DE MAIO - Inaugurado em 28 de Maio de 1950 na cidade de Braga, consta dum campo de futebol arrelvado, uma piscina com 125 metros e vários campos para atletismo, uma piscina coberta, um estádio de patinagem, três campos de ténis, uma carreira de tiro e uma capela. Em volta, exceptuando o topo Norte, as bancadas acomodam, sem qualquer distinção, 30.000 espectadores.



Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do Centenário do Ministério das Obras Públicas

CIDADE UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA - O edifício da Faculdade de Letras, foi um dos primeiros a ser estudado no conjunto da Cidade Universitária. Foi inaugurado em 22 de Novembro de 1951 e consta de sete pisos que somam no conjunto 14.356 metros quadrados de pavimentos. Em virtude do declive do terreno, para a fachada principal, só dão quatro pavimentos. Dispõe de um grande e cinco pequenos anfiteatros, várias salas de aulas, "Institutos Culturais" e uma Biblioteca. BARRAGEM SALAZAR - Inaugurada em 29 de Maio de 1949 em Pego do Altar, armazena proveniente duma bacia hidrográfica de 743 quilómetros quadrados, 94 milhões de metros cúbicos de água que rega o Vale do Sado, conduzida em 126 quilómetros de canais. Também alimenta uma central eléctrica.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS - Criado por decreto de 30 de Agosto de 1852 e sob a denominação de "Ministério das Obras Públicas, Comercio e Indústria", teve mais tarde outras designações - Ministério do Fomento - Ministério do Comercio - Ministério do Comercio e Comunicações - e finalmente Ministério das Obras Públicas por decreto de 27 de Dezembro de 1946.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1952 – Emissão Comemorativa do 4º- Centenário da morte de S. Francisco Xavier

Desenho de Manuel Lapa representando o Missionário catequisando, e gravura a talhe doce por António da Conceição Pais Ferreira. Impressos pelo Banco de Portugal sobre papel liso em folhas de 100 selos, com denteado 13,5 feito na Casa da Moeda Foram emitidos 9 milhões de selos de 1\$00 verde, 900 mil selos de 2\$00 vermelho, 350 mil selos de 3\$50, e 250 mil selos de 5\$00 violeta. Circularam de 23 de Dezembro de 1952 a 26 de Maio de 1955.



S. FRANCISCO XAVIER - Filho de uma das mais nobres famílias espanholas, nasceu no Castelo de Xavier, perto de Pamplona na Navarra, a 7 de Abril de 1506. Verdadeiro apóstolo da doutrina cristã no oriente. Após ter tirado o curso de filosofia, foi mestre em artes, mas estava-lhe reservada missão de maior vulto no campo espiritual, como orientador. Em 1534 quando contava 28 anos, juntamente com Inácio de Laiola e alguns mais, fazia voto solene de castidade e pobreza e prometia servir a Cristo por todo o sempre! Aqui o gérmen da Ordem conhecida hoje por Companhia de Jesus. Em cumprimento da sua jura, parte para Roma a prestar obediência a Sua Santidade, e toma Ordens Sacras em Veneza. Os feitos e méritos do grupo chefiado por Santo Inácio, levaram El-Rei de Portugal a obter autorização do Sumo Pontífice para serem enviados ao oriente dois missionários da Ordem, sendo São Francisco Xavier um dos designados. Durante dez anos de constantes provações, percorreu essas longínquas terras catequisando, socorrendo enfermos, e praticando obras de caridade, animado apenas pelo conforto espiritual que os bons resultados lhe traziam. Padre Mestre Francisco, é exemplo de humildade, de caridade e de abnegação, e foi fundador das primeiras Missões Católicas no Japão. O conhecido e estimado “Apostolo das Índias”, vencido pelas febres faleceu no dia 2 de Dezembro de 1552. Foi o Santo canonizado por Gregório XV em 12 de Março de 1622, e o seu corpo repousa na Igreja de S. Paulo em Goa, mutilado de um dos braços que foi levado para a Casa Professa dos Jesuítas.

Portugal

1953/55 – Tipo “Cavaleiro Medieval”

Desenho de Martins Barata, representando um cavaleiro da Idade Média, protegido de armaduras e armado de espada, e escudo com as armas de Portugal. Impressão em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso em folhas de 100 selos com denteado 12,5. Esta emissão-base, foi criada para substituir a anterior emissão-base tipo “Caravela”. Foram emitidos selos de \$05 verde s/verde, \$10 indigo s/ salmão, \$20 laranja vermelho s/ verde, \$50 preto, \$90 verde azul s/ amarelo, 1\$00 castanho vermelho, 1\$40 carmim rosa, 1\$50 lilás rosa s/amarelo, 2\$00 cinzento escuro, 2\$30 azul escuro, 2\$50 preto s/ salmão, 5\$00 violeta s/ amarelo, 10\$00 azul s/ verde, 20\$00 bistre s/ verde, e 50\$00 violeta.



CAVALEIRO MEDIEVAL - Era na Idade Média, o nobre que ao completar os 21 anos, vestia armas, obrigando-se por juramento a consagrar a sua espada à defesa do príncipe, da fé, e da honra das damas. Este acto era sempre precedido de grandes cerimónias, sendo uma das principais - velar as armas - que consistia em passarem uma noite junto dum templo, vigiando as armas com que haviam de ser armados. Em tempo de guerra, centenas de mancebos eram armados cavaleiros, em simples cerimónias junto às muralhas dum castelo ou no campo de batalha.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1953 – Emissão Comemorativa do VI Centenário da Chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica

Desenho de Manuel Lapa, representando o Santo com o traje de Bispo. Impressão em off-set pela Litografia Portugal, de Lisboa, sobre papel liso, em folhas de 50 selos com denteado 13,5. Foram emitidos 10 milhões de selos de 1\$00 preto e cinzento, e 350 mil selos de 3\$50 castanho e laranja. Circularam de 26 de Fevereiro de 1953 a 26 de Maio de 1955.



SÃO MARTINHO DE DUME - Oriundo da Panonia, actual Hungria, S. Martinho reuniu-se aos emissários do rei suevo Charrarico, encarregados de trazer da Gálea, as relíquias de S. Martinho de Tours. Aportando provavelmente a Portucale no ano de 550, iniciou a evangelização da Península onde então dominava o arianismo, e fundou em Dume, um Mosteiro. Em 556, foi Dume elevada á dignidade episcopal e São Martinho designado seu primeiro Bispo. Mais tarde, veio a ser também Arcebispo de Braga.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1953 – Emissão Comemorativa do Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes

Desenho de Pedro Guedes, sobre um retrato do homenageado. Litografados pela Litografia Maia, do Porto, sobre papel esmalte, em folhas de 100 selos com denteada 13. Foram emitidos 4,5 milhões de selos de 1\$00 vermelho, e 500 mil selos de 2\$30 azul. Circularam de 28 de Março de 1953 a 26 de Julho de 1956.



GUILHERME GOMES FERNANDES - Nasceu na Baía em 1849, e veio para o Porto com os pais aos três anos de idade. Estudou em Inglaterra, no colégio de Santa Maria, em Ascott, e regressou ao Porto aos 19 anos, impecável de elegância, de porte e de maneiras, atleta superior, falava cinco línguas e guiava as mais belas equipagens da capital do Norte. Possuidor de grande fortuna, sempre a dedicou à benemerência mais perfeita, custeando a primeira organização portuguesa de bombeiros voluntários - a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto. Tais serviços prestou que, em 1885, foi nomeado Inspector dos Serviços de Incêndios. A sua valentia, o seu espírito organizador e disciplinador, não tiveram iguais. O Porto venera a sua memória, como a de um dos seus mais ilustres filhos, embora Gomes Fernandes o fosse apenas adoptivo. Faleceu em Lisboa, a 31 de Outubro de 1902, em consequência duma melindrosa operação.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1953 – Emissão Comemorativa do 50º Aniversário do Automóvel Clube de Portugal

Desenho de Cândido da Costa, apresentando o primitivo emblema do “Real Automóvel Clube de Portugal” e o emblema do actual “Automóvel Clube de Portugal”. Impressão em off-set pela Casa da Moeda, sobre papel liso em folhas de 100 selos com denteado 12,5. Foram emitidos 4,7 milhões de selos de 1\$00 verde, e 300 mil selos de 3\$50 castanho. Circularam de 15 de Abril de 1953 a 26 de Julho de 1956.



AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL - Um grupo de entusiastas do automobilismo, com o patrocínio do Rei Dom Carlos, dos Príncipes, e do Infante Dom Afonso, fundou em 1903 o “Real Automóvel Clube de Portugal”, cuja primeira Assembleia Geral teve lugar em 15 de Abril de 1903. Com o advento da República, passou a denominar-se “Automóvel Clube de Portugal”, que em 1918 iniciou a sinalização das estradas de Portugal. Em 1928 completa a sinalização das estradas do país, em 1933 cria em Portugal o serviço de “Assistência na Estrada”, em 1935 publica um mapa esquemático do estado das estradas de Portugal, continuando uma obra que protegendo a segurança do automobilista, muito concorre para o incremento do turismo do nosso país. Pelos seus relevantes serviços, é considerado de “Utilidade Pública” e galardoado com as comendas da “Ordem de Cristo” e “Benemerência”. O seu primeiro Presidente da Assembleia Geral foi a Infante Dom Afonso de Bragança.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1953 – Emissão Comemorativa do V Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana

Desenho de Martins Barata, representando a “Princesa Santa”, sobre pintura da Escola de Nuno Gonçalves. Impressos em off-set pela Litografia Nacional do Porto, sobre papel esmalte, em folhas de 100 selos com denteado 14,5. Foram emitidos 4 milhões de selos de 1\$00 verde e preto, e 350 mil selos de 3\$50 azul escuro e azul. Circularam de 14 de Maio de 1953 a 26 de Julho de 1956.



SANTA JOANA - Princesa de Portugal, filha de Dom Afonso V e de sua mulher Dona Isabel, nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452. Desde muito nova que mostrou tendências para a vida religiosa, seguindo os rigores da maior austeridade, e principalmente à caridade, distribuindo por suas próprias mãos a esmola aos pobres. Alguns príncipes dos principais reinos da Europa a desejaram como esposa, mas ela a todos rejeitou para se consagrar a Deus. Em 1471 quando D. Afonso V regressou victorioso da tomada de Arzila e Tânger, pediu-lhe em nome das victórias alcançadas, autorização para dar entrada no claustro. Entrou para o Mosteiro de Odivelas onde se encontrava sua tia Dona Filipa de Lancastre, passando mais tarde ambas para o Convento de Aveiro. Em 25 de Janeiro de 1475, vestiu o hábito com todas as cerimónias religiosas. As suas deliberações religiosas tiveram a oposição de seu pai e de seu irmão, pelo que foi impedida de professar. Não conseguiram no entanto o seu regresso à corte, vindo a falecer no Convento de Aveiro a 12 de Maio de 1490. Foi sepultada no coro, principiando o povo a considerá-la santa. Foi canonizada por Inocência XII em 4 de Abril de 1693. Dom Pedro II mandou fazer um suntuoso mausoléu de jaspe lavrado e com variados embutidos, para onde as relíquias da Santa foram trasladadas a 25 de Outubro de 1711.

Portugal

1953 – Emissão Comemorativa do Centenário do Selo Postal Português

Para comemorar os Cem Anos do Selo Português (1853/1953) foi cuidadosamente estudada pela Administração Geral dos Correios, uma nova série que deveria, como no Primeiro Selo de Portugal, apresentar a Rainha D. Maria II. Em desenho de Martins Barata e gravura de Lucas, reproduziu-se o busto do retrato juvenil da Rainha, que é uma das mais belas pinturas do artista inglês Lawrence. O original do selo foi elaborado pelos Serviços Artísticos dos C.T.T., e a sua impressão confiada a Joh Enschedé & Zonen, de Haarlem Holanda, que os heliogravou sobre papel esmalte, em folhas de 100 selos com denteado 14x13,5. Foram emitidos 3,65 milhões de selos de \$50 vermelho, 14 milhões de selos de 1\$00 castanho, 300 mil selos de 1\$40 preto violeta, 500 mil selos de 2\$30 azul índigo, 300 mil selos de 3\$50 ultramar, 200 mil selos de 4\$50 verde bronze, 350 mil selos de 5\$00 azeitona, e 200 mil selos de 20\$00 lilás. Circularam de 3 de Outubro de 1953 a 26 de Julho de 1955.



DONA MARIA II- Ver biografia na emissão de 1853, primeiros selos de Portugal

Concepção e texto de Carlos Kullberg

Portugal

1953 – Reimpressões dos selos de 1853 - D. Maria II

Para que fossem oferecidas como recordação aos participantes da Exposição Filatélica Internacional “Lisboa - 1953” e aos Congressistas da F.I.F. (Fédération Internationale Philatelique) reunidos em Lisboa por ocasião das Comemorações do Centenário do Selo Postal Português, mandou a Administração Geral dos C.T.T. cunhar 1.000 séries da primeira emissão portuguesa (5 reis castanho vermelho, 25 reis azul, 50 reis verde, e 100 reis lilás). As poucas séries que sobraram, foram distribuídas pela Administração Geral dos C.T.T. a colecionadores idóneos, no propósito de evitar a sua comercialização. Reimpressos um a um sobre papel branco, espesso e sem goma, tendo no verso - 1853 1953 -



DONA MARIA II - Ver biografia na emissão de 1853, primeiros selos de Portugal.
EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERNACIONAL “LISBOA - 1953” - Inaugurada em 3 de Outubro de 1953 pelo Presidente da República, General Craveiro Lopes, esteve patente ao público até 11 de Outubro, em 17 salas e salões do Instituto Superior Técnico, reunindo 350 expositores portugueses e estrangeiros em representação de 31 países, com a presença dos maiores valores da Filatelia Mundial. Estiveram igualmente, expostas, as máquinas e cunhos que serviram para as nossas primeiras emissões, e bem assim para as presentes reimpressões.

Concepção e texto de Carlos Kullberg

